

A CASA TOMBADA FACONNECT

Programa de Pós-Graduação Lato Sensu

O livro para a infância: processos contemporâneos de criação, mediação e circulação

ODILON MORAES: UMA REVISTA PARA CELEBRAR 30 ANOS DE CARREIRA

Priscilla Valença de Andrade Galvão

São Paulo, 2023

A CASA TOMBADA FACONNECT

Programa de Pós-Graduação Lato Sensu

O livro para a infância: processos contemporâneos de criação, mediação e circulação

ODILON MORAES: UMA REVISTA PARA CELEBRAR 30 ANOS DE CARREIRA

Priscilla Valença de Andrade Galvão

TRABALHO REALIZADO PARA A CONCLUSÃO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO, NÍVEL ESPECIALIZAÇÃO, NO CURSO O LIVRO PARA A INFÂNCIA: PROCESSOS CONTEMPORÂNEOS DE CRIAÇÃO, CIRCULAÇÃO E MEDIAÇÃO PELA A CASA TOMBADA /FACONNECT – SP SOB A ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA CRISTIANE ROGERIO.

São Paulo, 2023

RESUMO: O presente Trabalho de Conclusão de Curso contém o resultado de uma pesquisa sobre o autor de livros Odilon Moraes, apresentado em forma de revista. Foram abordadas três facetas do autor pesquisado: professor, ilustrador e editor. Além disso, há matérias sobre alguns dos seus livros e uma entrevista realizada com ele e a sua companheira de vida Carolina Moreira (também sua parceira na criação de livros ilustrados). Há imagens exclusivas do seu ateliê, espaço onde trabalha na criação dos livros e muitas ilustrações dos trabalhos que fez nesses 30 anos de carreira. O objetivo desse trabalho foi produzir um material para que as pessoas possam conhecer sobre a sua obra. A escolha pelo formato de revista teve a intenção de conseguir um alcance maior de leitores, já que possui uma leitura menos formal, do que a usada em um TCC “tradicional”. Esse trabalho não tem a intenção de abordar de forma completa a vida e obra de Odilon Moraes, mas apenas trazer um recorte sob o meu ponto de vista, de alguns aspectos relevantes da sua contribuição para a literatura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Odilon Moraes. Livro ilustrado. Revista. Ilustração.

Às pessoas que me ajudaram a encontrar e permanecer no caminho que me realiza: a literatura para a infância (de todas as idades).

São muitas (ainda bem) mas não poderia deixar de mencionar: Manuela, Tiago e Rafa.

NA FLORESTA

EDIÇÃO COMEMORATIVA

JUNHO 2023



ODILON MORAES

30 anos de carreira em palavra,
arte, imagem e pesquisa

ENTREVISTA

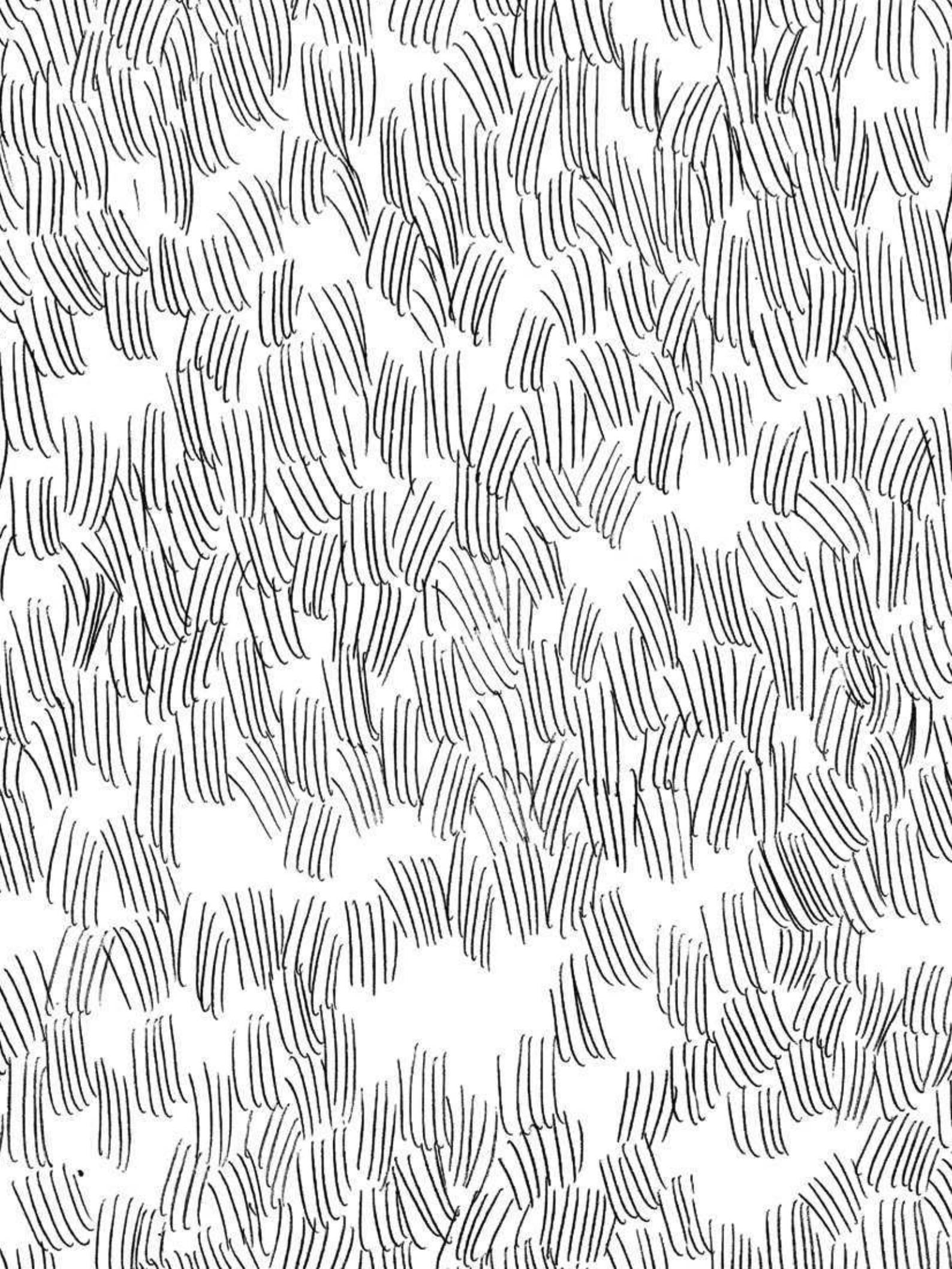
Carolina Moreyra e
Odilon Moraes:
A Grande Parceria

VIDA ANIMAL

Livro inusitado
para celebrar
os 30 anos de
carreira

DENTRO DO ATELIÊ

Os bastidores da
criação dos livros





SUMÁRIO



Editorial **4**

6 Um exercício
que me afetou

Odilon Moraes
em 3 facetas **10**

12 O Professor

O Ilustrador
Todo livro ilustrado é um livro ilustrado? **18**

23 Nanquim, aquarela, caneta Bic®...
As várias técnicas exploradas por Odilon

A princesinha medrosa **28**

32 Pedro e Lua

Editor de livro ilustrado? **34**

A oficina que resultou
da grande parceria **42**

Vida Animal **48**

Prêmios **56**

Agradecimentos **62**

37 A grande parceria

46 Rosa

50 No ateliê

60 Considerações finais





EDITORIAL

Da "Casa de Tobias" à "A Casa Tombada"

Ao ser questionada por Giuliano Tierno:

- Por que fazer a pós-graduação O livro para a Infância, n' A Casa Tombada?

Respondi:

- Para o meu deleite.

O meu nome é Priscilla Galvão, sou de Recife, Pernambuco, e a minha vida acadêmica teve início na Casa de Tobias¹, uma das maneiras carinhosas dos alunos se referirem à Faculdade de Direito do Recife.

Concluí a graduação em direito e comecei a atuar na área desde então. E depois...bem, depois...

"E assim o tempo passou...

Ele foi para a faculdade,

Conseguiu um emprego

E conheceu o amor.

A família diminuiu.

A família aumentou."

A chegada da minha filha Manuela em minha vida e, com ela, a literatura para a infância, mudou tudo.

Vivendo a seleção e mediação de livros com ela, entrei para um universo totalmente novo: *Uma lagarta muito comilona* (Eric Carle); *Macaco Danado* (Julia Donaldson e Axel Scheffler); *Como pegar uma estrela* (Oliver Jeffers); *Jacaré, não!* (Antonio Prata e Talita Hoffmann); *Se os tubarões fossem homens* (Bertolt Brecht e Nelson Cruz); *O urso que não era* (Frank Tashlin) e *A mãe que chovia* (José Luís Peixoto e Daniel Silvestre da Silva) foram alguns dos primeiros livros que comprei.

Pois é... alguns desses títulos não são propriamente direcionados para bebês no seu primeiro ano de vida e, logo me dei conta de que estava comprando para mim.

Não me contentei em ler as obras e comecei a estudar sobre elas.

Adquiri livros teóricos sobre a literatura para a infância, sobre a história dos contos de fadas e quando a leitura desses livros e as palestras e vídeos informativos no Youtube não foram mais suficientes, busquei uma pós-graduação.

Foi um presente que me dei e a escolha d'A Casa Tombada não poderia ter sido mais acertada.

Logo nos primeiros meses do curso tive cinco aulas com Odilon Moraes, o protagonista dessa revista. Ele terminou as cinco aulas, mas eu não pude terminar de ouvi-lo.

Queria saber mais da sua obra, da sua pesquisa sobre o livro ilustrado, mas o meu desejo não era somente esse, eu queria que mais pessoas soubessem, queria que todos se apaixonassem, assim como eu.

Decidi, portanto, que para encerrar esse percurso de estudo, faria o meu TCC em forma de revista. É esta a minha vontade: "uma revista para que o meu marido leia, para ter no centro de mesa da minha sala, para as pessoas conhecerem".

Em aula sobre a escrita do texto acadêmico na turma 8, em agosto de 2022, contei para a professora Luiza Christov a minha idéia. As suas palavras foram de incentivo, ela explicou que: "A forma é também conteúdo, tem uma intencionalidade, uma razão de ser. A revista é um corpo convidativo".



¹ Faculdade de Direito do Recife/UFPE, onde Tobias Barreto estudou no século XIX.

² FREITAS, Tino e MORAES, Odilon. Os invisíveis. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.

É justamente essa a minha vontade, convidar as pessoas a conhecerem este mundo pelo qual me apaixonei, e não poderia iniciar os meus convidados nesse universo de uma maneira mais completa, do que trazendo um pouco da trajetória de Odilon Moraes, que narra e vive a história do livro para a infância contemporânea.

“Um desejo é algo que nos comove e, portanto, nos move”, disse Luiza Christov. Movi-me, portanto, para São Paulo, com data de entrevista marcada no ateliê de Odilon Moraes. Cris Rogerio, a minha professora, coordenadora e orientadora, intermediou esse encontro e fomos juntas para Valinhos, interior do estado de São Paulo, no dia 25 de agosto de 2022.

Eu já havia elaborado o sumário da revista e tinha escolhido algumas matérias que gostaria de produzir. Também já havia lido a dissertação de mestrado do Odilon e assistido a várias entrevistas dele na internet.

Levava comigo um caderno com apontamentos e perguntas para fazer uma entrevista com ele e Carolina Moreyra, cineasta, escritora, professora, companheira de vida de Odilon e autora, ao lado dele, de obras inesquecíveis como *O guarda-chuva do vovô*, *Lá e Aqui*, entre outras.

E tinha também ansiedade, alegria, nervosismo e emoção, aqueles sentimentos que nos invadem quando vamos nos aproximar de alguém que admiramos.

Foi ele que abriu o portão de sua casa, nos recebeu com um abraço afetuoso e nos deixou à vontade, bem como Carolina, que nos acompanhou a maior parte do tempo, também nos apresentando aquele espaço “artístico-pesquisador” do qual ela faz parte, admira e engrandece. Bem como uma parceria busca ser.

O nosso encontro começou com Odilon nos convidando ao seu ambiente de trabalho, foi pegando nas estantes alguns livros, nos mostrando, tecendo elogios, comentários e lendo para nós.

Um dos momentos mais bonitos foi quando ele tirou da estante o livro *Mil Orejas*, com texto de Pilar Gutiérrez Llano e ilustrações de Samuel Castaño Mesa, publicado pela editora argentina Libros del Zorro Rojo, e leu para nós com a seguinte tradução livre:

*“Perdi a audição aos sete anos, mas não sou surda
Quis explicar que tenho mil orelhas pequenininhas por todo o corpo
Que ouço mais do que imaginam
Que um odor fresco de ar me sussurra que vai chover
Que uma mão roçando-me as costas grita que me quer
Que um olhar doce me canta a melhor das canções
Que uma criança quando puxa a manga da minha camisa, grita que
o olhe e que brinque com ele
Disse tudo isso mas não ouvem e eu com os surdos não me entendo”*

Quanto acolhimento senti naquela casa, que pessoas tão brilhantes e generosas estavam nos recebendo... Passou rápido, porque os bons momentos são assim, nos dão a sensação de querer mais.

Voltei para Recife muito agradecida, com bastante material para escrever a revista e feliz por tê-los conhecido melhor: Cris, Odilon e Carolina.

Fazer essa revista foi um prazer. Transcrever os áudios gravados no ateliê, revisitar as fotos, me aprofundar na obra de Odilon, reler a sua dissertação de mestrado e, concomitantemente, escrever.

Durante a escrita, uma única preocupação: fazer um trabalho digno do conhecimento de Odilon e Carolina, os meus protagonistas.

Mergulhemos, pois, no mundo de Odilon, Carolina, Pedro, Lua, Bia, Elefante, Olavo, Lulu, princesinha medrosa...

Boa leitura!





UM EXERCÍCIO QUE ME AFETOU

"Por isso, um dia eu saí da casa afogada e decidi plantar o meu próprio jardim, encher as estantes de livros, fazer cosquinha e ser a casa ensolarada onde eu sempre quis morar. "



Era o mês de novembro de 2021, um sábado em que haveria aula da pós-graduação, um momento só pra mim, onde virava aluna de um assunto que eu amo.

Eis que a professora Cristiane Rogerio nos propõe uma atividade: fazer uma resenha afetiva!

Na sua dissertação de mestrado intitulada *O livro para a infância: coletivos e potência para a pesquisa*, ela explica que “Trata-se de uma tarefa individual em que o estudante é convidado a escolher um livro para

a infância “que salvaria do incêndio” e escrever sobre ele, misturando da maneira que desejar informações formais – nomes, editora, ano de edição, sinopse etc. – com a história de como foi afetado pela obra.”

É uma tarefa muito difícil, para não dizer impossível, pedir a alguém apaixonada por livros a escolha de apenas um para salvar do incêndio, mas como a proposta é elaborar uma resenha AFETIVA, já nos direciona para algum lugar: o do sentir.



Os peixinhos foram morar nos olhos úmidos de minha mãe.

Teríamos algumas semanas para fazer a atividade proposta, aproximadamente um mês, e boa parte do tempo não tinha ideia de qual livro escolheria, até pensei em escrever sobre *Inês*, o livro de Roger Mello e Mariana Massarani, publicado pela Companhia das Letrinhas, mas esbarrava no requisito da afetação.

No fim das contas eu era uma profunda admiradora daquela obra, mas ao pensar na escrita da resenha, tinha dificuldade de encontrar a abordagem pessoal que a tarefa propunha.

Às vésperas da aula em que deveria entregar a resenha, peguei o livro *Lá e Aqui*, de Odilon Moraes e Carolina Moreyra, que havia conhecido e adquirido

Lá e Aqui

Era uma vez uma casa que tinha uma árvore com passarinhos, um lago cheio de peixes, muitas flores coloridas, um pai, uma mãe.

Assim começa a história do livro "Lá e Aqui", de Carolina Moreyra e Odilon Moraes, publicado pela editora Pequena Zahar no ano de 2015. A obra conquistou o segundo lugar do Prêmio Jabuti na categoria Infantil no ano de 2016 e ganhou o prêmio FNLIJ de melhor livro na categoria Criança, no mesmo ano.

O livro aborda o tema da separação sob a ótica do filho, narrador da história.

É pelo olhar da criança que acompanhamos o acontecimento. Aliás, essa escolha valiosa dos autores nos poupa de vocábulos como "discussões", "lágrimas", "separação".

Ao invés disso, o filho conta sobre a tempestade que viu afogar o seu lar; sapos e peixinhos protagonizam momentos difíceis; é verdade que a casa fica vazia... Mas eis que surgem duas casas!

Sim! Duas casas! E isso não é ruim. Elas têm história, cosquinha e violão.

O livro é sensibilidade pura.

É sobre se sentir em casa porque há amor, porque há o aconchego seguro e afetuosos do colo do pai e da mãe. É sobre a possibilidade de ser feliz nas duas casas.

Eu morei numa casa inundada anos a fio. Passei por muitas tempestades, me assustei com trovões, vi as flores murcharem.

Mas eu queria histórias, risadas e sofá com filme na TV.

Por isso, um dia eu saí da casa afogada e decidi plantar o meu próprio jardim, encher as estantes de livros, fazer cosquinha e ser a casa ensolarada onde eu sempre quis morar.

Hoje eu estou em casa. Hoje eu até sou a casa de alguém que brinca, dá risada e pede sempre mais uma história antes de dormir.



há pouco tempo, e escrevi de uma só vez a resenha. Depois compartilhei com a minha irmã, fiz algumas pequenas alterações e ali estava o seguinte texto:

Na sua dissertação de mestrado, Cristiane Rogerio diz que: “O processo de escolha já nasce autorrevelador: as escritas contêm respingos de surpresas sobre si.”

Peço licença para Cris, mas eu não diria que contêm respingos, mas sim avalanches. Obrigada, professora, por propiciar essa queda d’água.



ODILON MORAES
EM 3 FACETAS:
professor
ilustrador
editor



"Meu pai pintava. Assim pude me relacionar com ele. Conversávamos através das pinturas."

Odilon Moraes nasceu em 1º de agosto de 1966, na capital do estado de São Paulo, no entanto, passou a sua infância no interior paulista, onde viveu até entrar na faculdade, quando voltou à capital para estudar. cursou arquitetura, mas nunca exerceu a profissão, deu aulas de inglês, de literatura e ilustrou mais de 120 livros, dentre os quais vários foram premiados e reconhecidos pela sua qualidade no Brasil e no exterior.

O início da carreira que construiu – e segue em ascensão – remonta à sua infância e foi narrada com as suas próprias palavras na dissertação de mestrado realizado na Unicamp-SP em 2019, intitulada *Quando a Imagem Escreve – Reflexões sobre o Livro Ilustrado*. Aqui ele conta sobre a relação com o pai e a pintura, ele diz: “Morávamos no interior do estado de São Paulo e guardo na memória os domingos de manhã, quando ele acomodava no porta-malas do carro dois cavaletes - um pequeno e um grande - e duas caixas com material de pintura - uma para mim, outra para ele. Buscava pela estrada de terra uma generosa sombra de árvore para instalarmos nela nossos banquinhos e cavaletes - ateliês ambulantes “à maneira dos impressionistas” – me ensinou ele. Nenhuma palavra era lançada que não fosse sobre a mistura das matizes de tinta a óleo e sua diluição na linhaça. Ao final da tarde voltávamos pra casa e os registros iam para a parede ainda úmidos. Lá prosseguiam lado a lado sua silenciosa conversa

Precisei me tornar ilustrador para compreender que enquanto pintava com meu pai não eram os aspectos plásticos que estavam em movimento naquele ato, mas a possibilidade de contar para ele o que via e sentia naquele momento e entendê-lo através de como o mundo se apresentava aos seus olhos. Pintar com ele havia sido meu primeiro exercício de utilizar a linguagem pictórica para além do desenho. Ali eu pintava e usava a pintura para contar e ouvir coisas.”¹

E Odilon continua nos contando coisas, não somente como ilustrador, mas também como professor e editor; por isso, a abordagem da sua trajetória por meio dessas três facetas.

Odilon Moraes está entranhado na história do livro ilustrado porque tem sede de entendê-lo, de fazê-lo, de admirá-lo, como um apaixonado. Ele vem narrando a história do livro ilustrado no Brasil, principalmente pela sua curiosidade, interesse e pesquisa sobre o tema, mas também por meio das suas ilustrações reconhecidas e premiadas; da sua atuação como professor de ilustradores, escritores, pesquisadores e apaixonados sobre o assunto e também como consultor e editor na formação de catálogos em editoras.

Quem se envolve com o livro ilustrado no Brasil, para além de leitor - seja criador, editor, designer, mediador - tem alguma relação com Odilon Moraes por alguma destas três facetas. Vamos a elas?



O Professor

"Olá Priscilla, seja bem-vinda!"

Na noite de 13 de outubro de 2021, Odilon Moraes entrou na sala de aula virtual da Turma 8, na Pós-Graduação d'A Casa Tombada, com um largo sorriso no rosto e fez questão de que cada aluno e cada aluna falasse o seu nome e em qual cidade está. Apesar de preferir as aulas presenciais, diz que "a parte mais gostosa do virtual é poder falar com gente muito distante".

Odilon nos cumprimenta uma a uma, um a um:

-Olá, Priscilla! Seja bem-vinda!

-Carolina, acho que você é a aluna que está mais distante geograficamente", ele diz para uma aluna que está na Espanha.

É um professor que nos escuta com atenção, é generoso e paciente ao responder às nossas perguntas, está sempre interessado em novas reflexões e questionamentos. É assim que nos ensina.

Odilon é analógico e só usa o computador se não tiver alternativa, mas a docência falou mais alto e hoje ele dá aulas na pós-graduação d'A Casa Tombada pelo celular.

Cristiane Rogerio, uma das coordenadoras e professoras da pós, nos conta em sua dissertação de mestrado realizado na Unesp, em 2022, intitulada, *O livro para a infância: coletivos e potência para a pesquisa*: "Se no presencial, ele carregava sacolas e mais sacolas para aumentar nosso repertório, hoje estamos 'dentro' da biblioteca dele nas aulas online. Se antes ele se sentava à cadeira de modo que todos pudessem ler o que ele tinha em mãos, hoje ele inventa movimentos para nos exibir os detalhes pensados pelos autores, mesmo que limitado à tela de seu celular – Odilon não usa computador."

Em um encontro promovido pela Universidade de Caxias do Sul em parceria

com o Instituto de Leitura Quindim, cujo tema era: "O Traço e as Infinitas Narrativas", há uma fala de Odilon que diz muito sobre o que ele pensa da docência, da sua docência em particular. Ao



ser chamado de “intelectual” por Roger Mello, ele muito gentilmente discorda: “Roger, por mais que os nossos embates sejam muito argumentativos, eu nunca me considere um intelectual, de verdade, não que eu tenha nada contra isso, eu até admiro, mas eu acho que eu virei um pesquisador - nesse sentido de começar a dar aula, de tentar pensar a obra do ponto de vista de quem está de fora e não de quem está de dentro - não foi por uma questão intelectual, foi uma questão de paixão, eu me apaixonei... É engraçado, eu não comecei a fazer ilustração por paixão, mas por necessidade, porque eu precisava ganhar dinheiro, e achava que a ilustração era um

bom lugar, mas eu acabei me apaixonando por isso, e à medida em que eu fui me apaixonando, eu fui virando professor, então não foi à medida que eu fui entendendo mais, mas posso dizer que foi à medida que eu fui entendendo menos.”¹

Ser professor nunca esteve no radar de Odilon, mas foi acontecendo ao longo da sua vida, como uma espécie de “chamado”.

Apesar de ser graduado em arquitetura pela FAU-USP², ele nunca exerceu a profissão. Conta que em 1986, no segundo ano de faculdade chegou a trancar a graduação e foi para a Inglaterra. Lá fez dois cursos básicos de arte: um em gravura na Morley College London e outro em pintura na Art, Architecture and Design, antiga Sir John Cass School of Art, que teve o nome alterado como reparação histórica pela participação de John Cass no comércio de escravizados africanos na Europa, no século XVIII. Até então, o aprendizado vinha de observar o seu pai pintar.

Ao voltar para o Brasil, em 1987, continuou a cursar arquitetura, mas não queria exercer a profissão, e como precisava ganhar dinheiro começou a dar aulas de inglês em 1988.

No ano seguinte, o seu amigo Ricardo Giroto propôs que fossem juntos à Editora Moderna para apresentarem os seus portfólios. O resultado é que cada um deles saiu com um livro para ilustrar, mas com o confisco das poupanças que houve no governo Collor, as publicações foram suspensas, de modo que o primeiro livro ilustrado por Odilon Moraes *Sonhos, grilos e paixões*, com texto de Carlos Queiroz Telles, somente foi lançado no final do ano de 1990.

No mesmo ano, após a publicação do livro, um amigo de Odilon perguntou se ele queria substituí-lo na disciplina de Expressão



¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fMiuWikJK4>. Acesso em 25.03.2023.

² Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Artística, ministrada para os alunos do segundo ano do ensino médio no Colégio Santa Cruz, situado na zona oeste de São Paulo. Odilon permaneceu como professor lá por 2 anos, quando abordava o tema teoria da arte.

Um tempo depois foi convidado para dar aula de arte/desenho na Faculdade de Arquitetura em Mogi das Cruzes/SP. Nesse período trabalhou como professor e ilustrador.

No final dos anos 1990,

deixou de lecionar na faculdade de arquitetura e passou um

período sem

dar aulas, tra-

balhando tão

somente com

ilustração,

a esta altura já havia

trabalhado

em mais de

30 livros.

Odilon só

voltou ao

exercício da

docência muitos

anos depois, no ano de

2004, quando lançou o seu

livro *Pedro e Lua*, publicado à época pela Cosac Naify no Museu Lasar Segall, em São Paulo. Nessa oportunidade, a então diretora do museu o convidou para

dar um curso sobre ilustração. Ele aceitou o convite e montou o curso do zero, que foi ministrado para

duas turmas durante o ano de 2005.

No mesmo período, em um lugar não muito

longe dali, Fernando Vilela tinha sido convidado pela

Editora Cosac Naify para ilustrar o livro *Ivan filho-de-boi*, um conto da mitologia russa adaptado por

Marina Tenório. Augusto Massi - que à época era

editor da Cosac Naify e amigo de Odilon - disse para

Fernando procurá-lo e pegar umas referências sobre

ilustração.



É que a experiência de Vilela era como gravurista³, e não ilustrador propriamente.

Ele conheceu Odilon e iniciaram as conversas sobre

ilustração. Vilela, por sua vez,

comentava com Stela Barbieri -

artista, autora, educadora e sua

esposa - sobre os encontros com

Odilon e ela, que estava fazendo

uma pesquisa sobre ilustração,

logo se interessou. Esses

encontros resultaram em um

convite para que ele elaborasse

um curso sobre ilustração no

Instituto Tomie Ohtake, em

São Paulo, onde Stela era a

coordenadora.

Por coincidência, o Museu Lasar Segall não

conseguiu fechar a terceira turma no curso ministrado

por Odilon e ele disse à Stela que estava disponível.

Foi, então, que ela contou que Vilela também estava

criando um curso e sugeriu que eles montassem

juntos.

E assim surgiu um curso que durou, aproxima-

damente 10 anos e foi um marco no estudo da ilus-

tração em livros e do livro ilustrado no Brasil.

Aluno de uma das primeiras turmas, o autor

premiado Renato Moriconi certa vez levou para a

aula o livro *The Norton Anthology of Children's Literature*⁴,

e mostrou a Odilon um capítulo intitulado PICTURE

³ O gravurista usa uma técnica que se caracteriza pela utilização de uma matriz que pode ser feita de metal, pedra, madeira ou tela na criação e impressão final de uma obra visual. Como a técnica da xilogravura, por exemplo.

BOOK. Foi a primeira vez que ele ouviu falar nessa nomenclatura. O livro dizia que era uma das invenções mais extraordinárias da literatura infantil nos últimos anos.

“Como assim, nos últimos anos? A literatura infantil não foi sempre ilustrada?” pensou na hora. E foi procurar entender do que se tratava. A partir daí começou a estudar sobre o tema e se apaixonou.

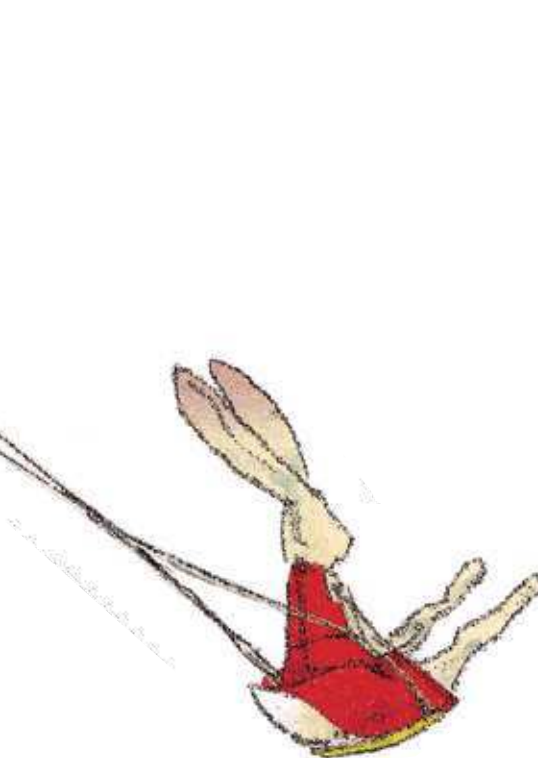
Odilon já tinha contato com Sophie Van der Linden, crítica literária francesa e autora do clássico *Para ler o livro ilustrado*⁵, que a Cosac Naify publicou em 2011. Ele tinha acesso ao que estava sendo produzido e estudado sobre o tema na Europa, e não perdeu tempo, trouxe para o Brasil a discussão sobre esse novo gênero literário.

Em 2015, ao ser convidado para dar aulas em uma matéria sobre ilustração no curso de formação de escritores promovido pelo Instituto Vera Cruz, em São Paulo, convicto da importância de que o escritor deveria entender a diferença de livro com ilustração para livro ilustrado (*picture book*), Odilon se deu conta que não queria mais dar aulas somente sobre ilustração, e sim sobre o tal *picture book*.

E assim se deu. No ano seguinte, em 2016, ele chega n'A Casa Tombada, no bairro de Perdizes, em São Paulo, e participa do elenco de docentes da primeira turma da pós-graduação *O livro para a infância*, onde ministra o módulo sobre livro ilustrado. Hoje a pós está na sua nona turma e Odilon continua lá, nos presentando com todo o seu repertório sobre o tema.



⁴ Editado por Jack Zipes, Lissa Paul, Peter Hunt, Gillian Avery e Lynne Vallone, publicado pela Editora W. W. Norton & Company.
⁵ Atualmente publicado pela editora SESI-SP.



Odilon e *Le petit Chaperon Rouge* (Chapeuzinho Vermelho), da suíça Warja Lavater, uma das mais incríveis versões do clássico, de 1965.

COM A PALAVRA: AS ALUNAS



“Eu cheguei bem crua no curso e eu lembro que pra mim o mais importante foi entender a relação entre texto e imagem. Até então eu não tinha noção nenhuma, eu nem ilustrava nessa época, eu trabalhava numa editora de livros, foi somente no curso que eu fui entendendo que a ilustração e o texto tinham o mesmo peso no conjunto. Eu me lembro também que comecei o meu livro⁶ com muito texto e lá fui descobrindo que



eu podia cortar bastante coisa porque isso podia ser dito através da imagem. E foi importante esse aprendizado pra aprender a editar o texto, pra poder deixar espaço pra imagem falar. Eu também aprendi a fazer o boneco do livro lá no curso, isso foi bem importante pra mim, pra eu poder sentir como é o fluxo de leitura, que é bem diferente de fazer página por página no computador e não ter a virada de página, que também faz parte da leitura de um livro. Tudo que eu sei sobre livro ilustrado começou aí. Foi uma parte muito importante da minha formação.”

Ana Matsusaki, aluna de Odilon no curso “A imagem narrativa e a ilustração de livros”, ministrado por Odilon Moraes e Fernando Vilela, no 1º semestre do ano de 2014, no Tomie Ohtake.

“O Odilon é daquelas pessoas que te inspiram e te impulsionam para o seu melhor. Ele é conhecido como professor, ilustrador, escritor, pesquisador, estudioso das artes, da literatura. Você encontrará muitas “palavras” que o descrevem em citações no mundo dos livros. É uma referência em tudo o que toca. Para mim, acima de tudo, é uma pessoa de grande generosidade, humildade, simplicidade e que está sempre pronto para contribuir, lhe ouvir e lhe potencializar. Um verdadeiro mestre em sua essência. Me lembrei do Mito da Caverna do filósofo grego Platão. Há mestres que nos trazem luz, verdade, reflexões, nos fazem constantemente ver as coisas de um outro lugar, sob novas perspectivas, vivendo constantes epifanias e nos inspirando a ir além, sair da superfície... Lhe sou muito grata.”

Thais Dols, poeta, professora e aluna de Odilon na Turma 8, da pós-graduação “O livro para a infância”, d’A Casa Tombada.

“Eu cheguei na oficina com o texto do livro⁷ mais adiantado, e a Carolina Moreyra me ajudou bastante a finalizar. Odilon e Carolina fazem uma coisa que é muito perfeito: te conduzir pra uma reflexão sem te falar o que você tem que fazer. Eles deixam você encontrar o seu caminho criativo. Com relação às imagens, eu acho que a maior contribuição do Odilon foi me fazer refletir sobre a presença e a força do uso da cor branca no meu livro. Ele me disse uma coisa que eu fico repetindo pra todo mundo que me pergunta: *Carol, o branco no*



seu texto, no seu trabalho, é muito forte, é o branco da presença, da presença de Oxalá e eu acho que você não devia usar o branco do papel, porque o branco do papel muitas vezes, no livro ilustrado, pode representar um silêncio, um respiro, o que não é o caso no seu trabalho, o ideal seria que você pudesse colocar esse branco. Então, à medida que ele foi falando, a minha ficha foi caindo e eu cheguei à conclusão de que as páginas do livro seriam de papel kraft para que eu pudesse pintar a cor branca nas páginas. As oficinas são muito propositivas porque você está ali fazendo o seu trabalho, mas você está aprendendo com a forma como eles (Odilon e Carolina) conduzem o trabalho do outro também.”

Carol Fernandes aluna de Odilon Moraes e Carolyne Moreyra, na Oficina de criação de Livro Ilustrado, promovida em parceria com A Casa Tombada.

⁶ **A colecionadora de cabeças**, publicado pela Editora do Brasil em 2020.

⁷ **Fevereiro**, publicado pela Editora Caixote no ano de 2023.



Odilon n' A Casa Tombada em aula na pós e nas oficinas de criação, presencial e online. Na foto 3, em companhia de Cristiane Rogério, coordenadora da pós e curadora dos cursos.



O Ilustrador

Todo livro ilustrado é um “livro ilustrado”?

O que é, afinal, esse livro ilustrado - também chamado de **picture book** - que virou objeto de pesquisa, criação e paixão de Odilon Moraes?

Antes de ser aluna d'A Casa Tombada, a expressão “livro ilustrado” tinha uma única conotação: um livro que possui ilustrações. Ao assistir às aulas ministradas por Odilon Moraes e Carolina Moreyra, aprendi a diferenciar os livros com ilustração dos livros ilustrados.

Nos livros com ilustração, o texto é autônomo, dá sentido a história por si só, ou seja, o texto sustenta toda a narrativa, as ilustrações estão ali para representar por meio de imagens o que está sendo contado no texto escrito.

Por exemplo, numa história tradicional como *João e Maria*, os elementos estão dados pelo texto e as ilustrações são uma arte à parte. Assim como acontece em livros com outras histórias e maior volume de texto. Neles, as poucas imagens marcam muito mais o ritmo da encadernação do livro do que influenciam na narrativa. “Isso se dá no território da ilustração quando interpretamos obras que foram escritas essencialmente em palavras e muitas vezes para serem lidas em voz alta e imaginadas. Em determinadas edições o leitor terá o privilégio de encontrá-las interpretadas pelas mãos de um artista, o ilustrador. Seu papel é dar a ela sua visão, como leitor privilegiado que se torna, assim como em música, Gal Costa, João Gilberto e outros proporcionam uma abertura de possibilidades de significados de uma obra ao revesti-la com sua própria pele. Quando vemos obras como *Chapeuzinho Vermelho*, seja na versão dos Irmãos Grimm, seja na de Perrault ou de outro qualquer, ilustrada por diferentes artistas, somos imediatamente jogados em mundos que, apesar de distintos, nascem a partir da mesma narrativa.”, conceitua Odilon em sua dissertação.

Como exemplo de belas interpretações, observem, na página ao lado, a mesma cena da história de João e Maria, representada pelo inglês Arthur Rackham (1867-1939) e pelo italiano Lorenzo Mattotti (1954-).

Ambas as ilustrações transmitem a tensão da iminente situação de perigo em que as crianças se encontram. Mattotti utilizou o recurso do preto e branco, nos colocando numa atmosfera sombria durante toda a narrativa e inovando na representação de uma história infantil quase sempre apresentada ao leitor com muitas cores e traços precisos. De outro lado temos o colorido de Rackham, e um estilo mais clássico, com muitos detalhes nos desenhos, mas que não retira a atmosfera misteriosa da cena, sobretudo representada na floresta e na figura assustadora da bruxa. Dois sambas para um mesmo enredo.

Já no livro ilustrado, Sophie Van der Linden define que: “a imagem é espacialmente preponderante em relação ao texto que, aliás, pode estar ausente. A narrativa se faz de maneira articulada entre texto e imagens”.

Mas é importante dizer: isto não significa que o texto tem menos importância, pelo contrário: a precisão do texto em um livro ilustrado tem ainda mais valor. Hoje, no Brasil, graças à pesquisa de Carolina Moreyra, entendemos melhor essa importante característica desse gênero literário.

Segundo Odilon Moraes: “Não é o desenho, o estilo do ilustrador, que se modifica em um livro ilustrado, mas o papel que esses desenhos ocuparão na construção e sustentação de uma história. Portanto o fato de conter ilustrações não torna qualquer livro um livro ilustrado, mas sim a maneira com que o conjunto delas funciona e se articula dentro dele e em relação ao todo. É preciso reconhecer quando as imagens de um livro nascem como possibilidades de interpretação de uma história ou quando tomam parte de uma escrita híbrida, diferente, articulada por imagens e palavras conjuntamente.” (MORAES, 2019, p. 40)



João e Maria visto por Lorenzo Mattotti



João e Maria visto por Arthur Rackham

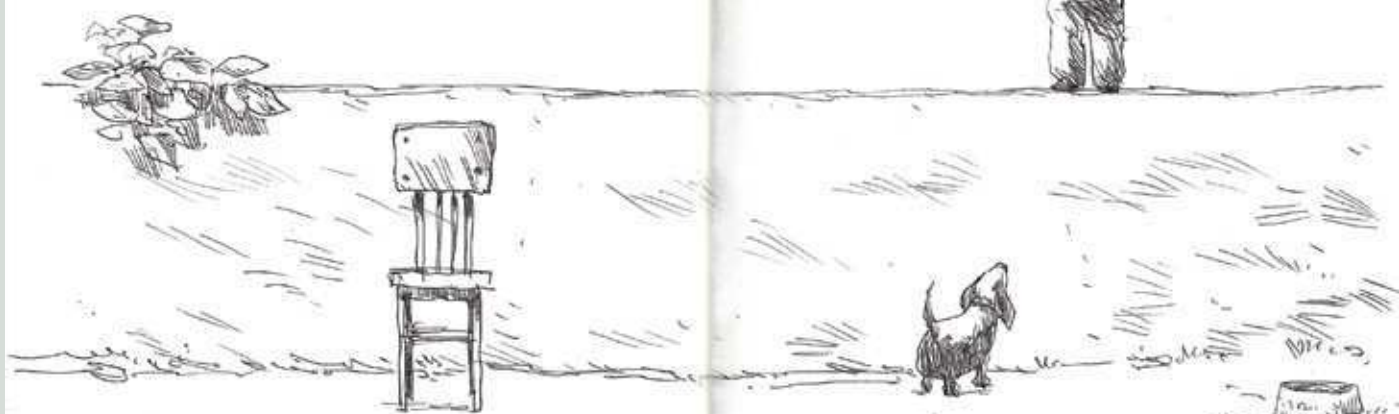
Mas como reconhecer esses elementos do livro ilustrado? Na obra *Os Invisíveis*, por exemplo, com texto de Tino Freitas e ilustrações de Odilon Moraes, lançado em 2021 pela Companhia das Letrinhas, se isolarmos o texto, lemos:

*“Era uma vez um menino com um superpoder:
Na sua família, só ele via os invisíveis.
Era assim ao sair de casa com seu pai pela manhã,
Sempre que sua mãe o deixava em frente à escola (...)”*

Mas somente com a presença das ilustrações e a sequência de páginas conseguimos entender qual é a história. Veja na página a seguir:



Era uma vez um menino com um superpoder:



na sua família,

só ele via os invisíveis.



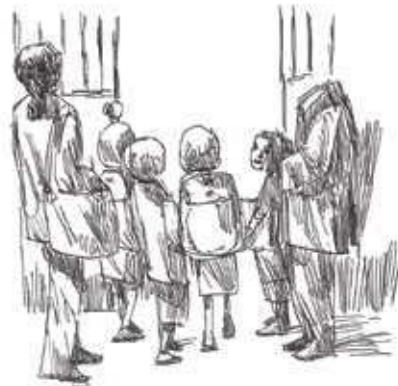
Era assim ao sair de casa



com seu pai pela manhã,



sempre que sua mãe



o deixava em frente à escola,

As ilustrações narram parte significativa da história. É a imagem, e não o texto escrito, que nos conta que o superpoder do menino é enxergar as pessoas “invisíveis” na sociedade.

A obra trata da invisibilidade sob várias perspectivas: das pessoas em situação de rua, das vulneráveis economicamente, das crianças e dos idosos. Retrata a invisibilidade provocada pelas multidões, onde é necessário aguçar o olhar para conseguir enxergar. Denuncia a solidão de quem se sente invisível e, sobretudo, oportuniza uma reflexão sobre essa arrogância que (nos) impede de enxergar o outro.

O livro é reflexivo, o tema é denso, mas é uma criança que protagoniza o enredo da história, e então somos envolvidos pela sua sensibilidade. A ideia de utilizar um superpoder, algo retirado do mundo da fantasia, próprio da infância, também é um recurso que traz alguma leveza à leitura.

Esse é o resultado do superpoder que possuem a palavra e a imagem, quando utilizadas por dois talentosos artistas.



Curiosidades

* O livro já estava quase pronto, quando Odilon comentou com Carolina Moreyra que só faltava representar, em outra cor, os rostos e a pele dos invisíveis. Ela de pronto disse:

- De jeito nenhum! Você vai dar ao leitor o poder de ver? Ele vai se sentir tão poderoso como o menino? Não! A pessoa que lê tem que se sentir impotente, pra que ela possa entender a invisibilidade, sentir o drama de não conseguir ver. Do contrário, isso colocaria o leitor em um lugar de arrogância, porque ele poderia pensar: "Coitado de quem não consegue ver, porque eu e o menino conseguimos."

Carolina disse isso e saiu do ateliê.

Odilon? Ligou para o Tino Freitas. E o resultado da conversa você já sabe.

* "Os invisíveis" já teve uma versão anterior ilustrada por Renato Moriconi.



Nanquim, aquarela, caneta Bic® ...

As várias técnicas exploradas por Odilon

"À medida que você vai amadurecendo, vai encontrando mais o seu modo de se expressar."

Aaquarela sempre esteve na mesa de Odilon Moraes. Com o tempo ele experimentou nanquim, giz pastel, caneta Bic® e outros materiais (um deles bastante inusitado, sobre o qual falaremos adiante).

Perguntamos a ele se havia alguma técnica preferida e se considera que houve uma espécie de "evolução" na utilização dos recursos.

"Quando você está começando, geralmente é igual a ator: quanto mais papéis diferentes você faz, mais alarga o seu repertório. Você vai exercitando... e eu, ilustrador, no começo pensava que quanto mais diferentes fossem os textos que eu pegasse, mais técnicas diferentes eles pediriam. 'Por que o Céu chora'¹ era um livro que não tinha nada a ver comigo, era um texto colorido e eu achei que eu tinha que sair da minha zona de conforto e usei giz pastel, porque eu nunca tinha trabalhado com giz pastel, eu nunca faria isso. Eu tinha isso no começo, de aproveitar as histórias diferentes que eu recebia para alargar o meu modo de me expressar com o desenho, o modo de interpretar tem a ver com a escolha do material. À medida que você vai amadurecendo, vai encontrando mais o seu modo de se expressar, quer você queira ou não, vai se especializando num tipo de desenho, ao ponto de uma editora te falar que tem um texto que é a sua cara. No começo tinha essa tentativa voluntária de fazer coisas diferentes e daí parece que no amadurecimento você vai encontrando materiais com os quais se familiariza melhor..."

Que são...

"Eu sempre gostei muito do claro e escuro... e no óleo, você sempre vai do escuro para o claro, você pinta a tela com um meio tom marrom e depois vai dando a luz. Na aquarela é o contrário, o branco é o papel, então na aquarela, que era o que eu estava usando muito - é muito comum você começar com aquarela - eu tinha essa dificuldade do claro e escuro, e quando eu descobri a Cândida® pensar o claro e

escuro ficou mais fácil. A Cândida® deu velocidade no meu trabalho pela identificação com a técnica."

Caros leitores, precisaremos fazer uma pausa para explicar àqueles que não fazem ideia do que seja a "técnica da Cândida®". Para isso vou usar o relato da minha descoberta, o dia em que eu perguntei ao próprio Odilon:

- Que técnica é essa? O que é Cândida®?
- Água sanitária - ele respondeu.

Odilon descobriu como fazer uso desse material quando dividiu um ateliê com a amiga francesa Florence Breton, colorista de história em quadrinhos. Certa vez, ao errar a cor de um desenho que pintava com aquarela, ouviu de sua amiga: use água sanitária. A francesa esclareceu que assim a tinta desbota, possibilitando uma nova pintura. Explicou, ainda, que a técnica serve para dar brilho, e é bastante utilizada pelos coloristas de história em quadrinhos: ao invés de usar branco eles lançam mão da água sanitária.

Odilon começou a explorar as possibilidades do seu uso. Percebeu que ao misturá-la com água ela queima menos, e assim dava para fazer um degrade, queimar mais forte ou menos forte, dependendo da concentração utilizada.

Em tempo: Odilon deixou de trabalhar com esse produto há muitos anos porque teve receio de prejudicar a sua saúde. Disse que à época não utilizava máscara e também não trabalhava em um ambiente adequadamente arejado. Ah! E não recomenda a ninguém que faça o mesmo.

Já o uso da caneta Bic® teve início na elaboração dos protótipos dos livros, ou bonecos como ele prefere chamar. Odilon iniciava o boneco usando lápis grafite, depois tirava uma xerox® para que ficasse com o traço mais escuro e trabalhava em cima dessa versão. Certa vez, ao invés da xerox®, passou a caneta Bic® por cima do desenho e quando se deu conta "estava desenhando tudo com a Bic®".

¹ AQUINO, Gilda Radler de. MORAES, Odilon. Por que o Céu chora. São Paulo: Editora Brinque-Book, 2002.



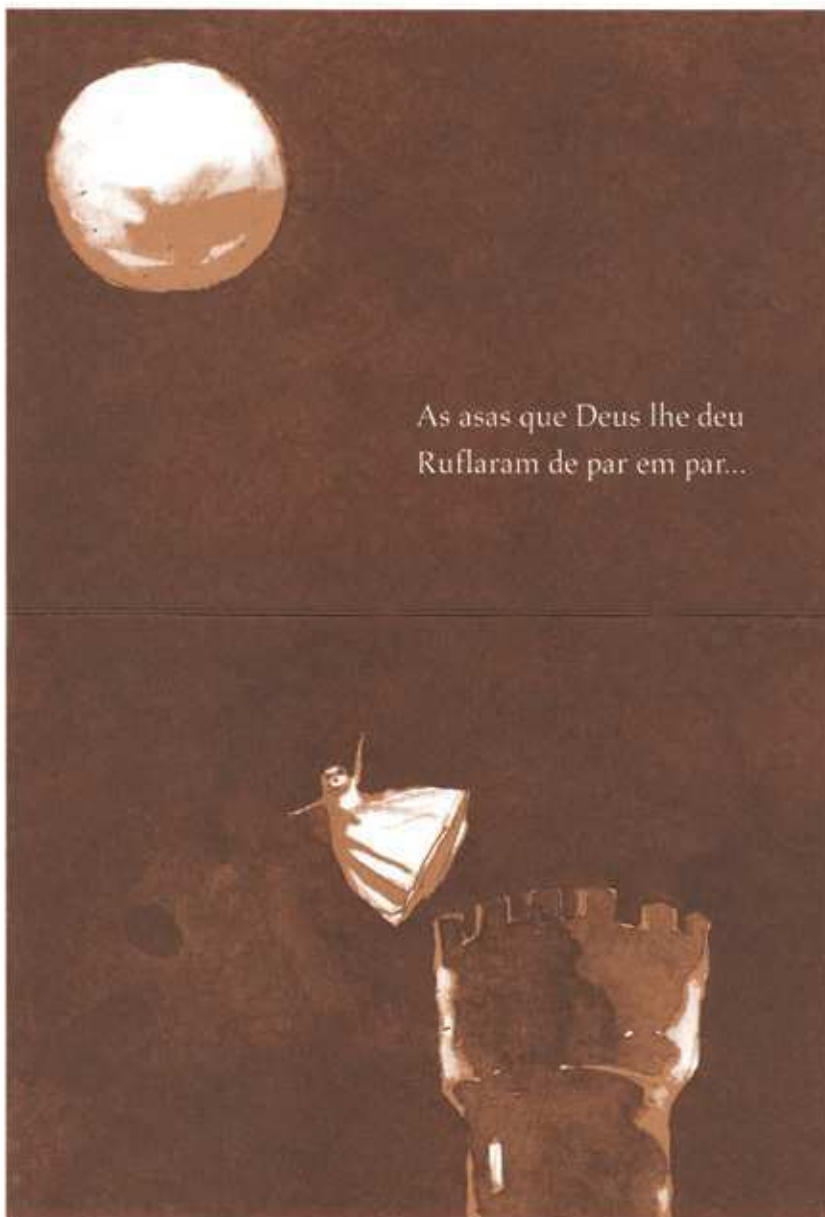
GIZ PASTEL

Ilustração do livro **Por que o céu chora?**, de Gilda Radler de Aquino e Odilon Moraes, Editora Brinque-Book, 2002.



CÂNDIDA®

Ismália, texto de Alphonsus de Guimaraens e ilustrações de Odilon Moraes, publicado pela Editora SESI-SP em 2018. Originalmente foi lançado pela Cosac Naify em 2006.





CANETA BIC

Odilon costuma desenhar com caneta BIC® nos momentos de procrastinação.



AQUARELA

A aquarela foi a primeira técnica utilizada por Odilon Moraes para ilustrar livros e continua até hoje. Abaixo, ilustração do livro Amores de Artistas de 1988. À direita, ilustração do livro Castelos de Areia de 2022.





Decepcionada, depois de alguns dias resolveu procurar o garoto para saber o segredo de sua fonte.



Encontrou-o no mesmo lugar, e assim que chegou
foi novamente convidada a deitar-se ao lado dele.



A princesinha medrosa

O primeiro livro autoral

"Aí eu voltei pra casa e escrevi a história da princesinha que precisava de alguém que desse a mão pra ela, só isso".

A princesinha medrosa é o primeiro livro em que Odilon Moraes é o criador do texto e das ilustrações. A obra foi lançada originalmente pela Companhia das Letrinhas, no ano de 2002, depois fez morada na Cosac Naify e atualmente é publicado pela editora Jujuba.

A história é sobre uma princesinha que tinha medo do escuro. O medo era tão grande que ela ordenou que todas as luzes do palácio e da cidade permanecessem sempre acesas e que o sol brilhasse dia e noite.

Mas ela também tinha medo de ficar sozinha, então ordenou que todos os súditos fossem dormir dentro dos muros do palácio.

Mesmo assim, a princesinha não conseguiu ficar muito tempo sossegada, pois tinha medo da pobreza e então ordenou que todos trabalhassem incansavelmente para que nunca faltasse nada no reino.



Ainda que tivesse tomado todas essas providências, a princesinha continuava se sentindo insegura.

Até que um dia ela conhece um menino e aprende com ele muitas coisas: a escutar as estrelas, a brincar no rio e até a superar os seus medos, ou quase todos.

A história nos conduz para uma atmosfera parecida com a dos contos de fadas, com reino, uma princesa perdida no meio da mata e até um toque de magia, pois há estrelas que cantam e dançam e um sol que brilha até durante a noite.

Ao conversarmos com Odilon sobre as ilustrações, ele disse que foi inspirado pelos “traços simples” do norte-americano Shel Silverstein, falecido em 1999 e da autora alemã contemporânea Jutta Bauer. Detalha, inclusive, que houve duas obras fundamentais: *A árvore generosa*¹ e *A rainha das cores*².

Sobre *A árvore generosa*, de Shel Silverstein, Odilon diz: “Achei uma coisa maravilhosa, deslumbrante, aquele desenho, como esse cara abre mão de tudo pra desenhar só as linhas... achei uma coisa linda.”

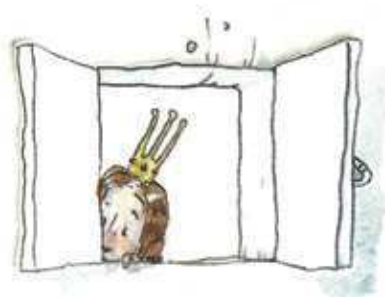
A história foi inspirada em uma situação que ocorreu na vida de Odilon, mais precisamente numa época em que havia terminado um namoro. Ele conta que nesse período passou um tempo mais recluso até que reencontrou um casal de amigos que tinha uma filha, de aproximadamente quatro anos. A criança nutria um carinho enorme por Odilon e, cheia de saudade, pois fazia muito tempo que não o via, pegou na sua mão e não largou mais.



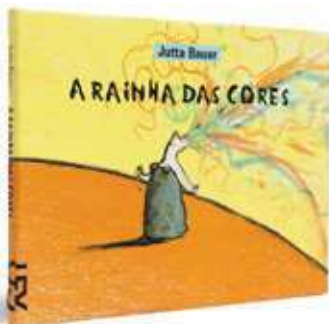
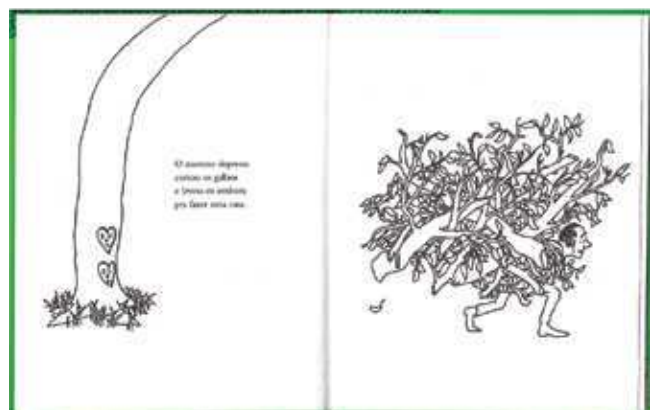
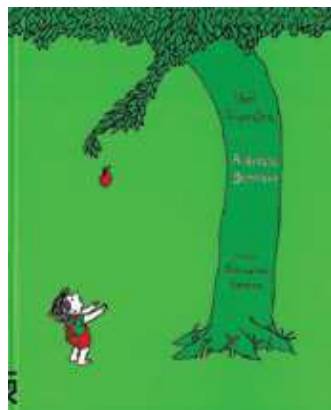
¹ Editado no Brasil pela Companhia das Letrinhas.

² Editado no Brasil pela editora Cosac Naify. Atualmente está fora de catálogo.

Ele nos falou na entrevista: “Ela me dar a mão acalmou o meu medo. Era isso que eu precisava, de alguém que me desse a mão. E essa menina de 4 anos me deu a mão. Aí eu voltei pra casa e escrevi a história da princesinha que precisava de alguém que desse a mão pra ela, só isso. O simples ato de alguém dar a mão à princesinha muda toda a relação dela com as coisas.”



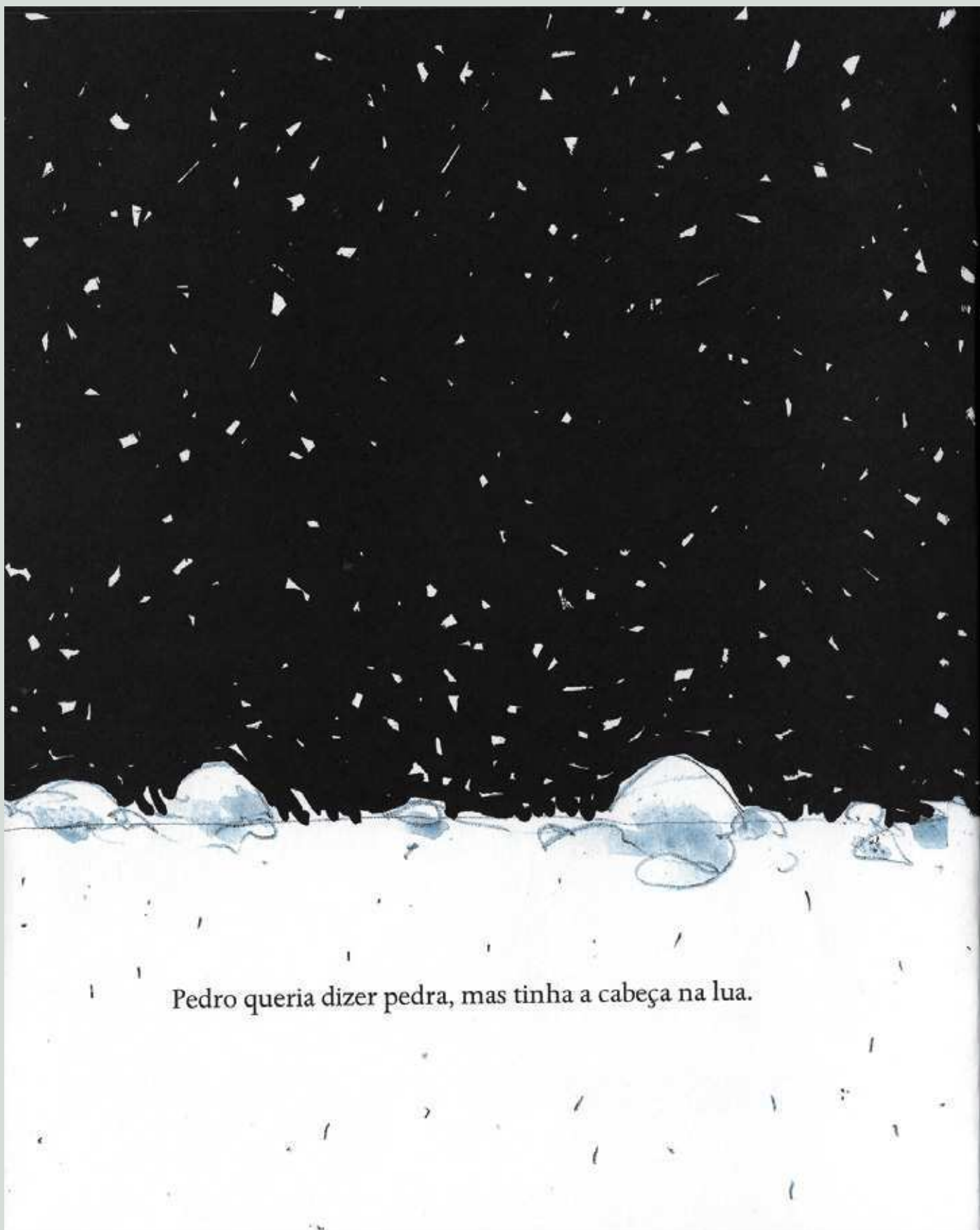
À direita,
"A árvore generosa" de
Shel Silverstein.
Abaixo,
"A rainha das cores" de
Jutta Bauer



Curiosidades

- * A epígrafe do livro é uma frase do poeta francês René Char (1907-1988), que Odilon leu momentos antes de escrever a história: "É favor das estrelas nos convidar a falar, nos mostrar que não estamos a sós, que a aurora tem um teto e meu fogo tuas mãos"³.
- * A quarta capa do livro contém um texto de Jutta Bauer, a consagrada autora cujos traços inspiraram as ilustrações da obra.
- * Em 2002, A princesinha medrosa recebeu os prêmios de melhor livro e melhor ilustração do ano para crianças da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ.

³ A frase foi retirada do livro "O nu perdido e outros poemas", publicado no Brasil pela editora Iluminuras, cuja obra francesa original é intitulada "La Parole en Archipel".





Dupla de páginas do livro **Pedro e Lua**.



Pedro e Lua: O rascunho como identidade

"de jeito nenhum! Pedro e Lua já está pronto!"

Era o ano de 2004. Odilon Moraes havia assinado um contrato com a Editora Cosac Naify para ilustrar o livro *O presente dos magos* – um conto escrito pelo norte-americano O. Henry.

A temática natalina do livro exigia que a sua publicação ocorresse antes da data festiva, e como estava com o trabalho da ilustração atrasado, Odilon conta que teve a ideia de levar o boneco de um novo livro que estava fazendo para apresentar a Augusto Massi, editor da Cosac à época. “Eu estava muito atrasado com esse livro e eu pensei numa tática, levei o *Pedro e Lua* na bolsa para desviar do assunto.”

No meio da conversa, assim que teve oportunidade, Odilon mostrou o boneco de *Pedro e Lua* ao seu editor. Então ele conta que o diálogo foi mais ou menos assim:

Augusto: *vamos fazer!*

Odilon: *então eu posso parar de fazer a ilustração do livro dos magos para fazer Pedro e Lua?*

Augusto: *como fazer Pedro e Lua?*

Odilon: *ué, o livro dos magos eu tinha que terminar, mas já que você gostou de Pedro e Lua, então eu posso fazer Pedro e Lua e deixo o dos magos pra depois.*

Augusto: *de jeito nenhum! Pedro e Lua já está pronto!*

Odilon: *Não está pronto não, isso aqui é o boneco.*

Augusto: *Está pronto sim! Agora eu quero que você faça o dos magos.*

Uma proposta inusitada: publicar o livro exatamente como estava apresentado naquele momento: um rascunho. Para Odilon era um esboço do projeto, para o editor: a obra estava pronta!

O inesperado se deu. Odilon assinou o contrato de *Pedro e Lua* naquele momento e deixou o boneco com o editor para ser lançado tal qual aquela versão “inacabada”.

Pedro e Lua ganhou o Prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil FNLIJ na categoria de melhor livro para criança do ano de 2005. E Odilon Moraes ganhou, segundo suas próprias palavras: uma marca profunda no seu estilo gráfico, a partir de então.

Ah! E o livro que estava atrasado? Levou de volta consigo para terminar de ilustrar.

Será que o rascunho virou uma marca da obra de Odilon? O traço que dá origem à ideia; o tom do azul fora da janela que descortina um horizonte de possibilidades (*Olavo*); a mancha vermelha que transmite a dor melhor do que qualquer semblante hiper realista (*O matador*); o preto e branco (*Pedro e Lua*).

Em janeiro de 2022, o décimo episódio do podcast *Lugar de Ler* fez uma homenagem aos 30 anos de carreira de Odilon e convidou Augusto Massi para um bate-papo. Na conversa, Odilon diz: “O meu trabalho se transformou depois do *Pedro e Lua* com o Augusto, porque ele apostou numa coisa que eu sempre deixava escondida, como uma escultura saindo da pedra. Mas ele falou: deixa a pedra, pra saber que a escultura sai daí. (...) (o boneco) É um trabalho que fica nos bastidores da ilustração. Só um amigo conhece o percurso por onde passou o pensamento do ilustrador. O pensamento do ilustrador está nesses desenhos, ele pensa desenhando”.

Na página ao lado, a imagem mostra o fluxo de pensamento do autor ao elaborar o texto na fase de criação do boneco e após a publicação do livro.





O boneco de **Pedro e Lua** (em cima); a primeira edição do livro publicado pela Editora Cosac Naify em 2004 (centro) e a edição publicada pela Editora Jujuba em 2017 (abaixo).



Editor de livro ilustrado?

Odilon Moraes e a formação de catálogos de livros dentro das editoras

"Eu aprendi como se constrói um livro."

Essa certamente é a faceta menos conhecida de Odilon Moraes. No entanto, a sua atuação na edição de livro ilustrado não é recente, pode-se dizer que começou por volta do ano de 2003, quando ele conheceu Augusto Massi, ainda na época da editora Cosac Naify.

A Cosac havia acabado de lançar uma versão do livro *Conto de Escola*, de Machado de Assis, numa edição ilustrada por Nelson Cruz, que havia sido um sucesso; e Augusto, que à época não conhecia muita coisa sobre livro ilustrado, mas já sabia muito sobre literatura brasileira, convidou Odilon para uma conversa.

No encontro, Augusto falou que também queria lançar *O homem que sabia japonês*, de Lima Barreto, em uma versão ilustrada, ao que Odilon falou: "Nem sempre um bom livro é um bom livro para ilustrar. Nessa seleção de contos ilustrados que você quer fazer, tem que ter tanto o olhar de quem avalia a literatura, como o olhar de quem vê as possibilidades do texto como imagem".

Foi o suficiente para Augusto propor uma parceria, na qual eles escolheriam juntos os contos e os ilustradores que iriam fazer parte da coleção de contos ilustrados a se chamar *Dedinho de Prosa*.

Esse foi o início de uma relação profissional que resultou em pesquisas e discussões aprofundadas sobre o picture book aqui no Brasil. É o que afirma o próprio Odilon: "Tanto Augusto como eu fomos nos abrindo pra essa discussão da ilustração, que vai se tornar mais tarde a discussão do livro ilustrado. A Cosac é a editora que começa a publicar livros teóricos sobre o Picture Book¹ no Brasil. Bel Coelho², a responsável pela literatura infantil na Cosac à época, começa a pesquisar e a trazer essas obras pra editora. No meu ponto de vista a Cosac está intimamente ligada ao início da discussão sobre o livro ilustrado no Brasil. Essa discussão aconteceu lá dentro. Eu tam-

bém me lembro que na época falei pro Augusto que havia um problema. Esses livros teóricos que a Cosac estava traduzindo para publicar - como o da Sophie Van der Linden, por exemplo - citavam livros ilustrados que não tinham no Brasil, a grande maioria deles não tinha sido publicada aqui. Augusto, então, fez uma reunião e fomos contratados, eu e o Maurício³, para fazer uma lista dos 10 autores de livro ilustrado mais importantes e as principais obras de cada um. E assim eles foram trazendo cada uma dessas obras e publicando aqui: *Onde vivem os monstros*, de Maurice Sendak; *Hora de sair da banheira, Shirley!*, de John Burningham; assim como os livros de Shel Silverstein, entre outros. E eles foram publicando essas obras, uma por uma. Embora eu não fosse editor, eu me senti parte dessa publicação dos clássicos do livro ilustrado no Brasil."

No episódio nº 10 do podcast *Lugar de Ler*, o próprio Augusto fala desse papel de Odilon como editor: "O Odilon foi alguém central para a história da editora. Tinha títulos que eu não conhecia e nós só publicamos porque ele fez a indicação. Ele deu cursos pra minha equipe, mais de três cursos, ele ia lá na editora e falava longamente, levava os livros, punha na mesa, todo mundo tinha ali um conhecimento através de um professor que estava dando aula pra gente. Nessas conversas surgiam sugestões e talvez a gente nem tenha dado os devidos

1 Por exemplo: Para ler o livro ilustrado, de Sophie Van der Linden, francesa especialista em literatura infantil e juvenil, com foco no livro ilustrado (1973-) e Livro Ilustrado: palavras e imagens, de Maria Nicolajeva e Carole Scott. Nicolajeva é sueca, crítica literária e especialista em literatura (1952-).

2 Isabel Lopes Coelho é doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada e mestre em Língua e Literatura Francesa, títulos obtidos na Universidade de São Paulo (USP). Esteve à frente do Núcleo Infantojuvenil da editora Cosac Naify, onde coordenou por 12 anos as publicações do catálogo infantojuvenil e das obras de crítica sobre o tema, trazendo para o Brasil autores importantes como Peter Hunt, Maria Nikolajeva e Sophie Van Der Linden, entre outros. Por esse trabalho, recebeu em 2012 o prêmio BOP – Best Children's Publisher of the Year, concedido na Feira do Livro Infantil de Bolonha.

3 Maurício Paraguassu é um ilustrador paulistano, amigo de Odilon e que dividiam o espaço do mesmo ateliê.

créditos, acho que hoje, olhando, é um erro, a gente deveria colocar a indicação editorial de Odilon Moraes, porque é alguém que construiu o catálogo junto. Isso só aconteceu com ele, quer dizer, ele teve uma contribuição de alguém que quase era da equipe. Eu falei pra ele e vou frisar hoje, que ele era um intelectual, um professor, alguém que pensava o livro infanto-juvenil num patamar que eu acho que não é comum nem lá fora. Inicialmente eu achava que ele tinha uma visão de historiador, depois eu vi que era uma visão também de teórico, que ele teorizava sobre o objeto livro, ele ensinava a gente a olhar os livros, eu aprendi muito com esse exercício.”

A troca de experiências não para por aí. Odilon diz que aprendeu muito sobre a produção/edição de um livro porque estava dentro da editora: “Pra mim foi muito importante estar dentro da Cosac. O Augusto entendeu que o trabalho do ilustrador é o livro publicado e não o original; que você tem que acompanhar e ter acesso a todas as partes da fabricação, e aí eu passei a participar. Foi a primeira vez que eu fui em gráfica, conversei com produtor gráfico, que a gente testou papel junto, do ponto de vista prático isso é uma loucura, que só uma editora pequena como a Cosac conseguiu fazer. Eu aprendi como se constrói um livro.”

Em 2021, Odilon foi novamente desafiado para pensar sobre catálogo de livros dentro de uma editora. Isabel Malzoni, idealizadora da editora Caixote, o convidou para um novo projeto de criação: uma coleção de livros. Ele seria o editor de um novo selo escolhido por ele.

A primeira reação de Odilon foi explicar à Isabel que não sabia ser editor no sentido da execução de todas as atribuições do ofício: “ Eu não sei nem usar um computador direito”, ele disse.

Mas o convite era pra ele fazer “somente a parte boa”, segundo suas próprias palavras. A proposta foi a seguinte: “Pensa o que seria bem diferente para você com uma visão de editor”.

No momento do diálogo, coincidentemente Odilon estava com uns 10 livros na sua mesa, dentre os quais 8 deles eram em preto e branco.

À frente dos livros em preto e branco, Odilon lembrou de Pedro e Lua. Era isso que queria fazer! Uma coleção que só pode ter as cores preto e branco: “um banquinho e um violão”.

E arremata: “Isso pode abrir uma discussão de que o picture book é uma linguagem, não necessariamente tem um público. Porque muita gente confunde livro ilustrado com literatura infantil. A coleção tem essa ambiguidade, livros que não consigam ser classificados a partir de uma faixa etária. Então esse é o meu trabalho. A coisa mais maravilhosa que tem: escolher os livros legais que eu vejo por aí, com esse norte de que a simplicidade é a grande linha de julgamento dos títulos selecionados”.



A Coleção PB foi inaugurada com a publicação do livro Coisas para Deslembrar, de Alexandre Rampazo.

O que é preciso para ser um grande autor de livros ilustrados?

Ter um bom desenho não basta. Saber contar histórias não basta. Jogar com palavras e imagens simultaneamente também não basta. É preciso tudo isso e mais algo, um jeito próprio de executar todas essas qualidades juntas dentro de um caderno de páginas. Isso é o que nos encanta em Alexandre Rampazo : sua maneira muito particular de nos apresentar as coisas, de encadeá-las, mostrá-las e também escondê-las de nós.

Nessa obra, o autor nos coloca num lugar onde o tempo encobre a memória para depois reencontrá-la em outra dimensão, a do leitor. Tudo isso com uma economia de palavras e traços que nos faz acreditar que é possível, com menos, chegar ainda mais fundo em nossas sensações adormecidas.

Odilon Moraes, no posfácio do livro





ENTREVISTA: A GRANDE PARCERIA

"E a gente fez o livro".

Nos últimos tempos, livro novo de Odilon Moraes já é esperado ansiosamente pelos fãs do autor. Porém, tem uma parceria dele na literatura que dá ainda mais sabor às expectativas das novas obras: os livros assinados ao lado da companheira dele de vida - têm três filhos juntos! - a escritora Carolina Moreyra.

Também roteirista e há alguns anos professora e pesquisadora do lugar da palavra no livro ilustrado, cria lindos livros desde 2008, ano em que publicou pela editora DCL a sua primeira obra *O guarda-chuva do vovô*, ilustrada por Odilon Moraes – vencedora do Prêmio FNLIJ 2009 na categoria livro para criança e contemplada com o selo White Ravens da Biblioteca de Munique.

Foi também com a publicação de sua obra inaugural que recebeu o prêmio de escritora revelação da FNLIJ no mesmo ano.

É formada em cinema pela London Film School; mãe de João, Francisco e Luísa; uma das idealizadoras da Casa Babayaga – coletivo de produção literária independente – e professora no curso da pós-graduação O Livro para a Infância, n'A Casa Tombada, e em oficinas de criação de livro, onde leciona juntamente com Odilon Moraes.



Carolina, a sua obra de estreia “O guarda-chuva do vovô” foi publicada no ano de 2008, e apesar de ser uma obra premiada, inclusive internacionalmente, com o Selo White Ravens da Biblioteca de Munique, o surgimento do segundo livro se deu muito depois, após sete anos, com o lançamento de “Lá e Aqui”, no ano de 2015, também premiada, inclusive desta vez com o Jabuti de melhor livro infantil. Por que um lapso temporal tão grande entre a criação destas obras?

Carolina: Eu estudei cinema na Inglaterra, voltei e fui trabalhar na TV em um programa que eu adorava¹. Fazia pesquisa, viajava toda semana, e nessa época conheci o Odilon. Ele estava descobrindo o livro ilustrado e ao ouvir as coisas que ele falava sobre esse tipo de livro eu pensava: “nossa! É igual ao cinema.” E assim fui me interessando muito pelo livro ilustrado. No fim de 2005 nasceu o João, o meu primeiro filho, e então eu comecei a pensar em como



iria conciliar o meu trabalho - em que eu viajava toda semana e passava dois ou três dias fora - com os cuidados de um bebê recém-nascido em casa. Então pedi demissão e foi nessa época que eu



escrevi *O guarda-chuva do vovô*. Não era a minha intenção fazer um livro, mas a história surgiu, eu escrevi, mostrei pro Odilon e ele achou que dava um livro e virou um livro. Acontece que depois disso eu tive mais dois filhos, foi um período da vida em que eu fui mãe. Então a gente tinha um acordo, o Odilon segurava a onda financeiramente para eu entender como seria o retorno da minha vida profissional, enquanto era mãe dos nossos três filhos. Eu venho de uma

família de mulheres feministas, fortes, independentes, mas eu tive tranquilidade de saber que iria descobrir o meu caminho profissionalmente. Somente depois que eu fiz o *Lá e Aqui* pensei que talvez escrever livros fosse uma coisa pra levar a sério e então fui estudar mais.

Odilon: *O guarda-chuva do vovô* ter ganhado o prêmio não foi suficiente para ela achar que podia ser escritora... (risos)

De quem foi a ideia da história do livro “Lá e Aqui”, de autoria de vocês dois?

Carolina: O *Lá e Aqui* foi uma briga que a gente teve e nos questionamos: será que é pra gente estar junto? Daí eu pensei em como ficariam as crianças pequenas se ocorresse uma separação e escrevi o texto do livro, que originalmente era bem próximo do texto que está na versão final - mudou muito pouco nas revisões - e aí eu entreguei para o Odilon. Eu não pensei que era um livro, eu somente escrevi e entreguei a ele e foi quando ele disse: ou a gente faz um livro ou a gente se separa. E a gente fez o livro.



¹ Programa Retrato Falado, sucesso do Fantástico, criado por Denise Fraga e Luiz Villaga.

Carolina, você adaptou o livro *A princesinha medrosa*, de autoria do Odilon para o teatro². Já pensou em adaptar alguma outra obra?

Carolina: Pensei. Eu cheguei a escrever a adaptação do livro *Hora de Sair da Banheira, Shirley!*, mas quando estava em contato com a editora para resolver as questões dos direitos autorais, o John Burningham (autor da obra) morreu. Na sequência veio a pandemia e o projeto ficou parado, mas já está escrito. Eu gosto muito de fazer adaptação.

E antes de fazer as oficinas de criação de livro, você já tinha vontade de ser professora?

Carolina: Nunca, eu morria de vergonha. Mas o Odilon foi sempre me incentivando e hoje em dia eu adoro dar aula, aprendi muito acompanhando o trabalho de criação de outras pessoas, porque quando você ministra a oficina e fala que o trabalho do aluno não está legal, você tem que dizer onde que não está bom, porque não está bom, precisa ter clareza para passar essas questões para o outro por meio de palavras.

Por que vocês não fizeram quadrinhos ainda?

Odilon: Eu não sei. Eu adoro.

Carolina: Eu sei. Porque leva tempo. São coisas maiores. Eu tenho vários projetos para fazer quando as crianças crescerem (risos)...

Odilon: A gente tem um projeto com *Bia e o Elefante*³. Esse é o único livro que a gente criou a partir dos personagens. Nós desenvolvemos as personalidades deles a tal ponto de hoje em dia imaginar o que o personagem faria em determinada situação. E então a gente teve uma ideia: se os leitores de *Bia e o Elefante* vão crescer, por que a gente não vai mudando os tipos de história? Por exemplo, a gente pode criar um livro ilustrado deles dois indo à escola, com mais

texto; depois a gente poderia fazer em quadrinhos, com tramas mais elaboradas, não ficaria legal? (Claro que sim!!! Já estamos aguardando.)

Qual livro de vocês é o preferido dos seus filhos?

(Silêncio prolongado)

Odilon: Eles não lêem os nossos livros...

Carolina: Mas um dia os pais do melhor amigo do Chico se separaram e aí ele me falou que foi na biblioteca, pegou o *Lá e Aqui* e leu para o amigo dele. Já faz algum tempo isso, mas eu lembro.

Carolina, você pensa em fazer algum livro sem ilustração? Ou você só se reconhece como escritora de livro ilustrado? Odilon, você tem um livro-imagem chamado "O presente", que

foi publicado pela Cosac Naify em 2010, Por que você não fez outros livros somente com imagens?

Carolina: Eu acho que ainda não sou uma escritora madura de livro sem ilustração; já o livro com ilus-



² A peça ficou em cartaz em algumas unidades do SESC, em São Paulo, nos anos de 2017-2018. Também houve apresentações no Teatro Sesi Marília (SP), no ano de 2019. A peça tinha recursos em libras e audiodescrição.

³ O livro *Bia e o Elefante* já rendeu outros dois títulos com os mesmos personagens: *Bia e o Elefante: Piquenique* e *Bia e o Elefante: Boa noite*, todos publicados pela editora Jujuba

tração eu entendo o meu espaço. Escritora sem ilustração eu tenho alguns projetos mas ainda me sinto começando. Eu tenho dois livros juvenis que estou escrevendo e que ainda não terminei, mas estão encaminhados. Se eles vão sair de dentro do meu computador eu não sei, mas estão lá...

Odilon: Porque eu não consigo. Porque eu acho muito mais difícil fazer livro só com imagem. Eu acho, inclusive, que todo ilustrador tinha que fazer, uma vez na vida, um livro só com imagens pra entender a dificuldade. Não sei se é difícil ou se é um outro talento. Mas eu ainda quero fazer outro livro de imagem.

Os filhos de vocês são “censores” das obras que vocês fazem? Vocês pensam que eles vão ler os livros e isso influencia no trabalho de alguma maneira?⁴

Odilon: Não. É engraçado... Influenciou a minha concepção de criança. Por exemplo, saber que as crianças são todas diferentes, que uma gosta de uma coisa e outra gosta de outra coisa; para umas uma coisa é horrível e para outras não tem problema. Então eu acho que essa foi a grande experiência de pai, que não existe criança, existem pessoas. Quando a gente lê um livro e pensa: meu amigo vai gostar; é assim que você tem que pensar com a criança também: aquele meu filho vai gostar desse livro, mas o outro não. Então a principal coisa que eu aprendi é que são pessoas leitoras e isso me deu muita força, inclusive, para contestar as regras. Eu já não era muito seguidor das regras, mas eu acho que a paternidade me deu mais força pra falar: olha, aquela minha contestação não era em vão, ela tinha um sentido, mesmo conhecendo criança eu continuo sem conhecer. Esse foi o grande aprendizado: que eu não sei sobre criança. As pessoas que eu achava que entendiam de criança e falavam que “isso não pode pra criança”, passei a não acreditar mais nessas

pessoas e achei que era melhor continuar do mesmo jeito: desconhecendo a criança, porque a sua relação com a criança se constrói no dia a dia. Agora, eu nunca peguei um livro meu e mostrei às crianças para testar, nunca fiz isso, tanto é que tem livro meu que eles nem conhecem.



Já leu algum livro que você fez para os seus filhos?

Odilon: Eu? Não. Livro meu, não. Quando eles eram pequenos eu lia livros de outros autores. Se *Bia e o Elefante* tem alguma inspiração, é nessa coleção aqui que eles devoravam, e é uma coleção do porquinho que não tem mais e eu acho linda essa coleção⁴. (então ele se levanta no ateliê e pega a coleção de livros cartonados, com a aparência de muito lidos!) E eu não falo isso como autor, é porque os três passaram por essa coleção e todos amaram. Outro que eu mostrei a eles foi o *Ida e volta*, de Juarez Machado⁵, porque eu queria ver como eles conseguiam ver a sequência.

O primeiro livro que eu pedi pro João dar uma lida foi a tradução do livro do Juarroz⁶. Eu traduzi os poemas e pedi pra ele ver se ficou bom. Um livro de 101 poemas. Aliás, eu tinha muito incômodo porque nenhum dos três era leitor de livro. Eu falava pra eles: o pai e a mãe de vocês lida com livros, a gente tem uma biblioteca enorme e vocês não leem livro! Mas não adiantava. Até que, de repente, o João começou a ler os livros.



Agora eu vou fazer umas perguntas e vocês respondem o que vem à cabeça:

Uma cor?

Odilon: marrom

Carolina: nossa, é tão difícil, tem dias que é verde, tem dias que é azul...

Dia ou noite?

Odilon: Depende para que... pra trabalhar prefiro a noite porque é mais silenciosa.

Carolina: Eu era uma pessoa mais da noite, aí você sempre foi de acordar cedo, nossos filhos acordam cedo, então eu



⁴ Box intitulado “A coleção do porquinho”, de Mick Inkpen, publicada pela editora Moderna.

⁵ De acordo com Odilon esse talvez seja o grande clássico entre os livros que utilizam somente a imagem para narrar uma história. Foi publicado primeiro no exterior porque a obra não foi pensada para o público infantil e, no Brasil, as editoras ainda não entendiam qual o “lugar” desse livro, o seu público leitor. A sua primeira edição no Brasil saiu na década de 70 pela editora Primor e somente duas décadas depois ganhou uma nova edição, dessa vez pela editora Nova Fronteira. Apesar de não ter sido criado para as crianças, foram elas que acolheram a obra no Brasil. (Informações obtidas na aula ministrada em 20.20.2021, por Odilon Moraes, na pós-graduação d’A Casa Tombada – Turma 8)

⁶ Livro *Fragmentos Verticais* de Roberto Juarroz, poeta argentino (1925-1995). Um dos poetas preferidos de Odilon.

fui obrigada a ser uma pessoa do dia.

Odilon: Então... eu acordo cedo mas eu enrolo, eu fico pronto pra trabalhar e fico procrastinando. Então, se eu não tiver o dia, eu não consigo trabalhar à noite, porque o dia é o processo de enrolar e daí eu fico pronto à noite.

Uma comida

Odilon: lasanha

Carolina: (*pensando...*)

Se está difícil pode ser: doce ou salgado?

Carolina: salgado

Odilon: doce

Frio ou calor?

Carolina: frio

Odilon: frio

Cinema ou teatro?

Carolina: cinema

Odilon: cinema

Colorido ou preto e branco?

Carolina: preto e branco

Odilon: preto e branco

Campo ou praia?

Odilon: então... eu não tenho relação com a praia.

Carolina: os dois, pra mim é praia no inverno e campo no verão.

Por que praia no inverno?

Carolina: Porque não está tão cheia e não tem aquele calor, praia nublado é bem gostoso.

Um artista musical, uma banda, uma música...

Odilon: Dorival Caymmi

Carolina: nossa, eu estou ruim dessas respostas pingue-pongue, não sei escolher um, realmente eu não sei...

Então, música nacional ou internacional?

Carolina: Nacional. Teve um episódio nas aulas de sapateado da Luísa que tinha que escolher as músicas preferidas da mamãe. Aí eu não consegui escolher, e quando eu escolhi ela disse: mas essa não dá pra sapatear...

Odilon, uma imagem:

Odilon: Que me veio à cabeça agora foi o Brutus⁸.

Carolina, uma palavra:

(a Carolina pensou... mas precisou sair para buscar algum dos filhos)



Os livros que resultaram dessa GRANDE PARCERIA

O guarda-chuva do vovô

Editora DCL

2008

Lá e Aqui

Editora Pequena Zahar

2015

Lulu e o urso

Editora Pequena Zahar

2018

BIA e o ELEFANTE

Editora Jujuba

2019

BIA e o ELEFANTE: PIQUENIQUE

Editora Jujuba

2020

Entrevista

Editora Moderna

2020

BIA e o ELEFANTE: BOA NOITE

Editora Jujuba

2022

Lá Longe

Editora Pequena

Zahar

2023



⁸ Cachorro de Odilon e Carolina que faleceu no ano de 2021.



A OFICINA QUE RESULTOU DA GRANDE PARCERIA

O olhar de Maira Chiodi e o livro nascido na oficina de criação

"O jardim lá fora" venceu a edição de 2022 do Prêmio João-de-Barro, que consagra obras inéditas no gênero livro ilustrado.

Desde 2018, **Odilon Moraes** passou a ocupar outro canto d' A Casa Tombada, onde já leciona desde 2016 no curso de pós-graduação *O Livro Para a Infância*, como já dissemos antes.

Devido a um outro projeto já realizado por Odilon e Carolina, no ateliê da artista Daniela Galanti, a coordenação d'A Casa sugeriu que eles criassem uma imersão de uma semana durante a programação de férias. Desde então, todo janeiro e julho, a Casa Tombada promove a Oficina de Criação de Livro Ilustrado presencial com eles, salvo as versões online que aconteceram durante o isolamento social por conta da pandemia de COVID-19.

Foi exatamente na versão virtual desta oficina do ano de 2021, que a artista mineira Maira Chiodi criou seu livro *O jardim lá fora*, vencedor do Concurso Nacional de Literatura João-de-Barro – Edição 2022 – na categoria Livro Ilustrado, um dos prêmios mais importantes da literatura infantil e juvenil do país, produzido pela Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte.

Maira Chiodi iniciou a sua carreira como ilustradora no Canadá no ano de 2010 e desde então também ilustrou alguns títulos no Brasil. *O jardim lá fora* foi o primeiro livro em que tanto o texto como as ilustrações são de sua autoria.

A história do livro é narrada por uma planta que vive na janela de uma casa. Ela se sente muito segura ali dentro, de onde vê um jardim lá fora sujeito às intempéries da chuva, ventania e calor.

Nessa mesma casa também mora uma mulher que aparenta seguir uma rotina solitária.

Até que um dia, algo acontece na vida da planta e da mulher e tudo muda.

Conversamos com Maira sobre o processo de criação da obra literária.

Como surgiu o interesse de fazer a Oficina de Criação do Livro Ilustrado promovida por Odilon e Carolina?

Vi pelo Instagram a postagem de uma amiga, Carolina Fedatto, sobre as aulas com o Odilon na pós O Livro para a Infância de A Casa Tombada. Foi ela quem me contou sobre a oficina que seria ministrada virtualmente no mês de janeiro por Odilon e Carolina

Moreyra, também pel'A Casa. Vi aí uma grande oportunidade de retomar o meu trabalho, após um longuíssimo puerpério durante a pandemia.

O livro surgiu na oficina ou você já tinha essa história quando se inscreveu no curso?

A história surgiu do zero, na oficina, como sugestão do próprio Odilon e Carolina para um melhor aproveitamento do curso. A inspiração da narrativa

surgiu por causa de uma árvore muito alta que tinha em frente ao apartamento em que morava na época. Essa árvore me acompanhou a pandemia inteira, como uma espécie de refúgio, um respiro, uma esperança que a vida continuaria. Foi um bálsamo que me ajudou a atravessar esse momento tão desafiador, com um bebê recém-nascido em casa. Então, a primeira ideia que apresentei a Carolina surgiu por causa dessa árvore, mas no final das contas a história tomou outros rumos.



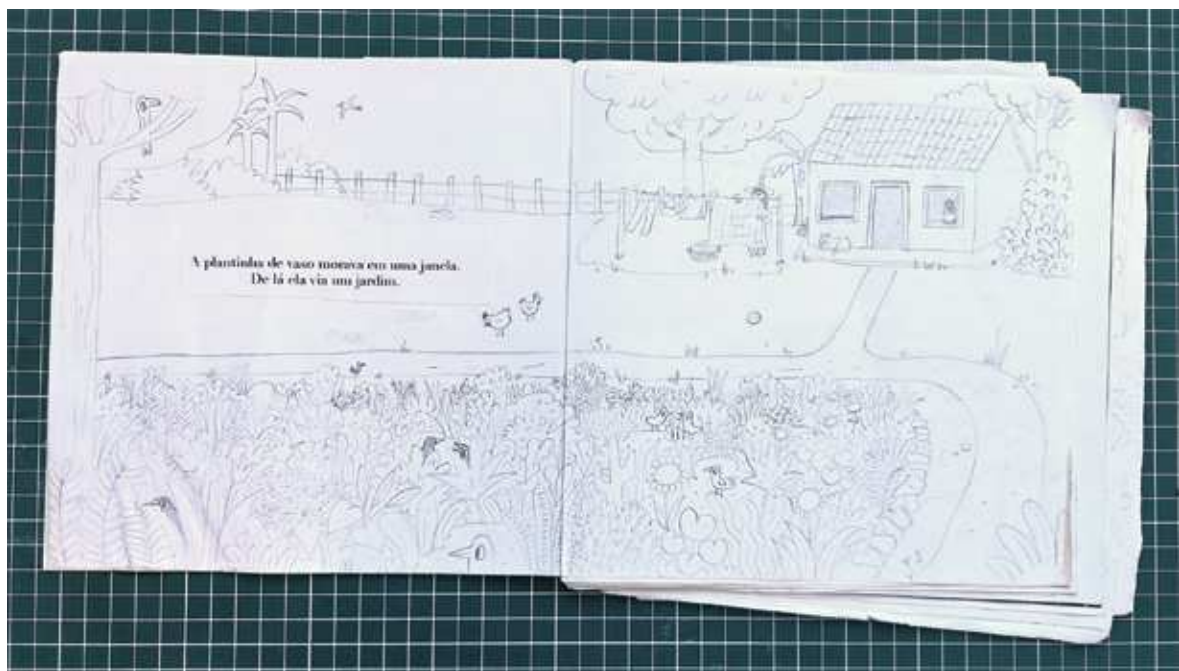
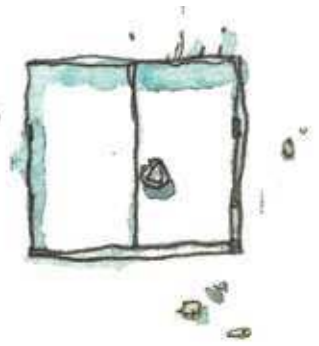
Qual a importância da realização da oficina para a produção do seu livro?

Na minha trajetória existe um “antes da oficina” e um “depois da oficina”. Carolina e Odilon me apresentaram camadas teóricas sobre livro ilustrado que eu ainda não conhecia. Ao final das aulas tinha o boneco do livro praticamente pronto. Aliás, pouca coisa mudou depois. O processo foi muito intenso, pois foram apenas duas semanas de uma espécie de imersão, e Carolina e Odilon foram essenciais para que eu tenha chegado ao resultado que cheguei. O livro não existiria sem eles. Aprendi muito com os dois, tanto com as sugestões e direcionamento na minha história, quanto com as aulas teóricas sobre livro ilustrado. Serei para sempre grata por essa oportunidade e pela generosidade dos professores.

E a ideia das histórias simultâneas – da mulher e da planta – como aconteceu?

A história paralela da mulher surgiu “sem querer”. Eu tive uma insônia no dia anterior à apresentação do boneco para o Odilon, e durante essa insônia

busquei solucionar uma questão visual do livro que estava mal resolvida: eu precisava deixar claro para o leitor que, o que ele estava vendo, era a planta no vaso apoiada no batente da janela, porém de fora para dentro da casa. Precisava, portanto, contextualizar o interior daquela casa, para que esse ângulo de visão ficasse claro. E aí tive a ideia de contar uma história dentro da história, que aconteceria no interior da casa, mas que não estivesse narrada diretamente no texto, apenas nas imagens. Assim surgiu essa outra personagem, essa mulher, cuja história acaba se misturando com a da plantinha no vaso. O “sem querer” se deve ao fato dessa história que surgiu na madrugada ter muito a ver com experiências que eu mesma vivi. Então, a história já estava dentro de mim, esperando para ser contada, porém se manifestou de uma forma muito orgânica, quase um acaso.



Boneco do livro produzido na oficina com Odilon e Carolina, pela Casa Tombada





Dupla de páginas do livro **Rosa**.



ROSA

Ter um livro, escrever um filho, plantar uma rosa

"Assim nascera minha relação com o desenho, dos não ditos entre pai e filho. Assim formou-se a semente de Rosa."

Depois de alguns anos na "gaveta" de Odilon Moraes, *Rosa* foi publicado pela editora Olho de Vidro, no ano de 2017.

O autor explica que uma das razões dessa demora é que ele começou a escrever o livro um mês antes de se tornar pai, mas depois do nascimento do seu filho perdeu o estado gravídico e não conseguia mais terminar a obra.

Na dissertação de mestrado, ele conta: "Quando escrevi *Rosa*, eu estava para ter um filho. Foi uma obra escrita por um autor em estado de gravidez masculina. E em que essa difere da gravidez das mulheres? É uma gravidez sem corpo. Nas mulheres a gravidez é sentida dentro delas, algo lhes cresce lá dentro, a mulher é preenchida pelo que está por vir. A gravidez masculina não tem barriga, lugar onde se manifestar. Acontece na cabeça. Cresce preenchida pelo vazio, por uma imensa ideia, à deriva. O livro *Rosa* nasce da necessidade de falar desse momento. Momento de silêncios, de reposição no mundo e de perguntas sem resposta. Eu iria virar pai (essa era a única coisa concreta). A figura do pai como uma nova condição me levou às portas da memória. Lá, tentava buscar a referência desse pai que até então eu só vivenciara pelo lado do avesso, o do filho. Me lembrei da relação com meu pai, mais calcada nas entrelinhas do que nos enunciados das conversas. Assim nascera minha relação com o desenho, dos não ditos entre pai e filho. Assim formou-se a semente de Rosa." (MORAES, 2019, p. 179)

Odilon é sempre muito questionado sobre este livro, que dialoga com o texto *A Terceira Margem do Rio*, um clássico do autor mineiro João Guimarães Rosa, parte do livro *Primeiras Estórias* (Nova Fronteira), publicado pela primeira vez em 1962.

A narrativa conta a história de um pai que manda fazer uma canoa e vai, em silêncio, habitar o rio, sem dar nenhuma explicação à família. O filho,

por sua vez, segue esperando, vai e volta à margem deste rio, ano após ano, pedindo que o pai retorne, mas sem sucesso, até que, ao final de muitos anos, chama o pai e diz que vai substituí-lo.

O chamado surte efeito e o pai rema na sua direção, mas o filho foge, sai correndo desatinado. O conto termina narrando o martírio desse filho: "Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem depois desse falimento?"

Odilon revela que esse final sempre o incomodou: "Sempre me inquietou o final. O que seria do menino da história? No conto, ele se culpa de não ter sido 'homem' para ocupar o lugar do pai. Teria ele um dia tornado-se homem (assim como eu)? Essa foi a pergunta que fez a semente de *Rosa* germinar." (MORAES, 2019, p. 181).

Rosa é um livro que possui duas narrativas simultâneas: uma contada pelo texto e outra pelas ilustrações.

Lemos nas palavras de Odilon a história de um pai que vai viver rio adentro depois do nascimento do seu filho e vemos nas imagens a história desse filho, tempos depois, em busca de saber sobre o seu pai.

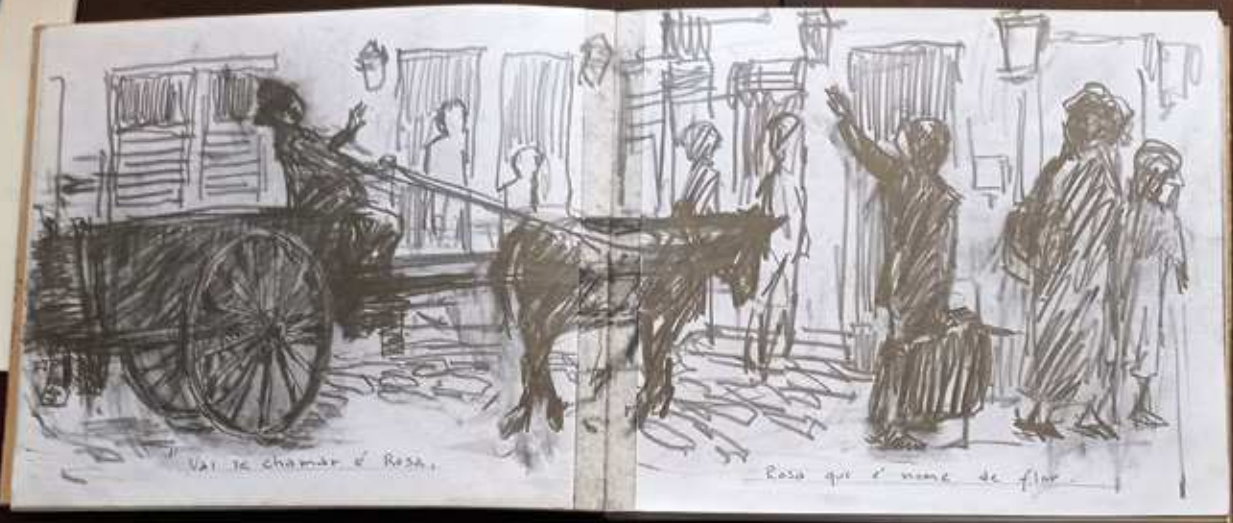
Mas essa não é a única interpretação possível. Você, leitor, pode enxergar outros entrelaçamentos, outras possibilidades, que nos são permitidas ao ler um livro ilustrado.

Curiosidades

* O livro seria publicado pela Cosac Naify, mas a editora fechou e ele saiu pela editora Olho de Vidro.

* O livro saiu da gaveta porque Odilon decidiu inscrevê-lo para o prêmio João-de-Barro¹.

¹ Rosa ganhou o prêmio João-de-Barro na categoria Livro Ilustrado em 2014 e ao ser publicado, no ano de 2017, recebeu o prêmio FNLIJ em duas categorias: melhor ilustração e melhor livro para criança.





VIDA ANIMAL

Para celebrar os 30 anos de carreira

O bicho-homem está ali, em inúmeras facetas, você se reconhece em alguma?

Você, leitor, o que faz nos momentos de procrastinação? Odilon Moraes faz isso aqui:



Guardados na gaveta, momentos de distração em forma de desenhos foram se amontoando. Carolina Moreyra já havia comentado sobre fazer alguma coisa com os “rabiscos”, mas Odilon se perguntava: o que?

Um dia, ele estava olhando uns livros e viu a seguinte frase de Blaise Pascal¹: “O homem não é o único animal que pensa. Entretanto, é o único que pensa que não é animal”.

E Odilon pensou: “É isso! Esse livro é cheio de pessoas que não sabem que são animais. É um livro de retratos! Cada animal é uma provocação para o leitor ver uma pessoa, e não um bicho

Ele ficou tranquilo porque sabia que, agora sim, ali naqueles desenhos, havia um livro.

Nas 51 imagens feitas com caneta Bic[®] encontramos girafa, coruja, hipopótamo, ou seriam, Heráclito, Clóvis e Guilhermina?

O bicho-homem está ali, em inúmeras facetas, você se reconhece em alguma?

No lançamento do livro, que aconteceu na livraria Miúda, em São Paulo, no ano de 2021, Debora Barbieri², uma das fundadoras do coletivo de criação literária Casa Babayaga - que produziu o *Vida Animal* - diz que o livro de Odilon se ergue em meio a alguns paradoxos. Primeiro porque o livro é composto por desenhos que ele fazia quando não estava fazendo livros. Depois há a dicotomia da própria temática: homem x animal.

Odilon também viveu um momento paradoxal com o lançamento desse livro, pois sempre foi muito reservado, principalmente nas redes sociais e a escolha pelo financiamento coletivo para sua publicação resultou em uma super exposição da imagem dele na internet.

Por falar em financiamento coletivo³, foi realizado na modalidade tudo ou nada (outro paradoxo).

¹ Blaise Pascal, filósofo, matemático, físico e teólogo francês, que viveu no século XVII.

² Designer e mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP.

³ O financiamento coletivo funciona como uma “vaquinha” digital. Alguém lança um projeto a ser financiado e as pessoas que desejam apoiar financeiramente contribuem, em troca de uma recompensa, ou não. No caso do *Vida Animal*, a plataforma escolhida foi o Catarse (catarse.me) e a modalidade de arrecadação foi tudo-ou-nada, ou seja, se a meta do valor a ser arrecadado não fosse alcançada, todas as contribuições retornariam para os apoiadores.

Mas por que? Indaguei. Um autor premiado e reconhecido nacional e internacionalmente poderia ter a edição do livro realizada por alguma editora. A resposta de Odilon: “Era um projeto de celebração, então eu não vou pedir a uma editora pra celebrar os meus trinta anos, você faz o bolo dos seus 30 anos. Nem pensei em mandar para uma editora.”

A quem participou desse financiamento coletivo, saiba que colocou nesse bolo a sua colher de manteiga, a sua xícara de trigo, aquela pitada de sal e foi um dos convidados dessa celebração memorável.



Curiosidades

* À época, Odilon Moraes, Nelson Cruz, Marilda Castanha e Roger Mello tinham completado 30 anos de carreira e não puderam celebrar como manda o figurino, a Pandemia do COVID 19 não permitiu uma celebração à altura dos aniversariantes.

* Esse é o primeiro livro em que Odilon flertou com o humor. Ele revela que ficou feliz, diz que o humor não foi intencional, mas o livro acabou ficando engraçado, pela seriedade dos personagens.

* Desde criança Odilon via as pessoas e enxergava bichos, era uma brincadeira espontânea e bem filosófica, só que à época ele não sabia.



O ATELIÊ

Odilon em imagens e palavras

"O melhor lugar é sempre o que você não está".

Odilon? Você tem algum arquivo com todos os livros que você já fez?

PUBLICAÇÕES:

- 1. **Sorvos, grilos e patinhas.** São Paulo, Moderna, 1990
texto de Carlos Quintanilha Tilden
- 2. **Coleção "Photospexos road"** (em parceria com Lucila Filardi). São Paulo, Moderna, 1991-92
 - 1. A love session
 - 2. The final host
 - 3. A work of art
 - 4. There is no smoke
 - 5. Skull friends
 texto de Tomaz de Figueiredo Marques
- 3. **Sinhazinho e a lombriinha.** São Paulo, Scipione, 1991
texto de Lucina Maria Martins Passos
- 4. **A saga de Sigfried.** São Paulo, Cia das Letras, 1993
narrado por Tatiana Belinky
ilustrações: autorizadas pela FNLIJ, 1994
prêmio Jabuti de literatura infanto-juvenil, 1994
- 5. **Viagem a Trevoletta.** São Paulo, Editora 34, 1994
texto de Luis Roberto Mész
- 6. **Frankenstein.** São Paulo, Cia das Letras, 1994
narrado por Ray Carron
- 7. **Amorão sem o desenho.** São Paulo, Moderna, 1994
texto de Ricardo Casanova
- 8. **Os geatas.** São Paulo, Moderna, 1994
texto de Otávio Lira
- 9. **Felicidade não tem cor.** São Paulo, Moderna, 1994
texto de João Ennio Bessa
prêmio Jabuti de melhor ilustração, 1994
- 10. **A noia do lençol.** São Paulo, Atual, 1995
texto de João Ennio Bessa
- 11. **Adam e o Amparo maravilhoso.** São Paulo, Ática, 1997
texto de Antonine Galland (tradução de Sérgio Flekman)
- 12. **Foca afogada.** São Paulo, Moderna, 1997
texto de Bartolomeu Campos Queiroz
- 13. **Histórias em do e inha.** São Paulo, Moderna, 1997
texto de Ivan Argento
- 14. **Mythologie.** Paris, Vents d'Ouest, 1997
texto de Frédéric Caillet
- 15. **Asênia Lupin, ladrão de casaca.** São Paulo, Ática, 1997
texto de Maurice Leblanc
- 16. **Brasão Raposo.** São Paulo, Cia das Letras, 1997
apresentado por Tatiana Belinky
- 17. **Alguém muito especial.** São Paulo, Moderna, 1997
texto de Mician Pereira
- 18. **A outra enciclopédia canina*.** São Paulo, Cia das Letras, 1997
texto de Ricardo Casanova
prêmio Jabuti de literatura infanto-juvenil
- 19. **Amores de artista.** São Paulo, Paulinas, 1998
texto de Sonia Bessa
ilustrações: autorizadas pela FNLIJ, 1998
- 20. **El melhor quem el primeiro*.** São Paulo, Cia das Letras, 1998
texto de vários autores (tradução e seleção de José Paulo Paes)
ilustrações: autorizadas pela FNLIJ, 1998
- 21. **O pato de sorvete.** São Paulo, Paulinas, 1999
texto de Otávio Assolini
- 22. **O caso dos treze cachorrinhos.** São Paulo, Paulinas, 1999
texto de Arthur Carron



MACHADO AIRAVÉS DO ESPELHO

ODEON MORAES

- 14. **Não tem novidade.** São Paulo, Cia das Letras, 1999
texto de Paulo Caspary (produção de Carlos Souto)
- 15. **O amor e as aventuras de Nélio e Isolda.** São Paulo, Cia das Letras, 2000
narrado por Maitê Nassari, Abílio de Barros
adaptação e montagem por TNLJ, 2000
- 16. **O mundo é o mundo.** São Paulo, Global, 2000
texto de Cláudio Galperin
- 17. **Mãe e pai de um lado de Nélio.** São Paulo, Paulinas, 2000
texto de João Ennio Dias
- 18. **Geminis.** São Paulo, Cia das Letras, 2000
texto de Eraldo Freire (produção e adaptação Silvana Salame)
- 19. **O opórtulo da morte.** São Paulo, Moderna, 2000
texto de Maria Kaptein
- 20. **Um filme mais que perfeito.** São Paulo, Moderna, 2000
texto de Paulo Benedito
- 21. **O pássaro dos dois mundos.** São Paulo, Moderna, 2000
texto de Edson Cabral Garcia
- 22. **Quando só resta o demônio.** São Paulo, Moderna, 2000
texto de Orlando de Miranda
- 23. **Mão em o céu.** São Paulo, FTD, 2001
texto de Telma Guimarães
- 24. **Os segredos.** São Paulo, Foca, 2001
texto de Cláudio Galperin
- 25. **A rainha Margot.** São Paulo, Cia das Letras, 2001
texto de Alexandre Dumas (produção e adaptação Fernando Nery)
- 26. **Os encontros do caracol oventuroso.** São Paulo, Sara, 2002
texto de Clarice Lispector (edição e seleção de José Paulo Pires)



2000

2001

- 27. **A peregrinação moderna.** São Paulo, Cia das Letras, 2002
texto de Milton Moraes
produção Foca Teatro de TNLJ. O autor para teatro, 2002
texto de TNLJ. Melhor distribuição para teatro, 2002
- 28. **Helôisa do Brasil [1].** São Paulo, Cia das Letras, 2002
narrado por Ana Maria Machado
texto de TNLJ. categoria teatro
- 29. **Um casamento de cometas.** São Paulo, Cia das Letras, 2003
texto, adaptação e direção de Tatiana Beldy
- 30. **Sonhos, gritos e palavras (segunda versão).** São Paulo, Moderna, 2003
texto de Carlos Queiroz Teller
- 31. **Velhos amigos.** São Paulo, Cia das Letras, 2003
texto de Eraldo Freire
- 32. **O homem que não queria viver.** São Paulo, Cosac & Naif, 2003
texto de Líria Buarque
- 33. **Forá à posse.** São Paulo, Global, 2003
texto de vários autores
- 34. **Sonho de uma noite de verão.** São Paulo, Global, 2003
texto de William Shakespeare (produção e adaptação de Walter Camargo)
- 35. **Os segredos de uma noite de verão.** São Paulo, Foca, 2003
texto de William Shakespeare
- 36. **Os segredos de uma noite de verão.** São Paulo, Foca, 2003
texto de William Shakespeare
- 37. **Os segredos de uma noite de verão.** São Paulo, Foca, 2003
texto de William Shakespeare
- 38. **Os segredos de uma noite de verão.** São Paulo, Foca, 2003
texto de William Shakespeare



2002

2003

2004

- 39. **Os segredos de uma noite de verão (2).** São Paulo, Foca, 2004
narrado por Ana Maria Machado
- 40. **O primeiro dia de aula.** São Paulo, Foca, 2004
texto de Eraldo Freire
"Bastando por vários autores"
- 41. **Os segredos de uma noite de verão (3).** São Paulo, Foca, 2005
narrado por Ana Maria Machado
- 42. **Os segredos de uma noite de verão (4).** São Paulo, Foca, 2005
narrado por Ana Maria Machado
- 43. **Os segredos de uma noite de verão (5).** São Paulo, Foca, 2005
narrado por Ana Maria Machado
- 44. **Os segredos de uma noite de verão (6).** São Paulo, Foca, 2005
narrado por Ana Maria Machado
- 45. **Os segredos de uma noite de verão (7).** São Paulo, Foca, 2005
narrado por Ana Maria Machado
- 46. **Os segredos de uma noite de verão (8).** São Paulo, Foca, 2005
narrado por Ana Maria Machado
- 47. **Os segredos de uma noite de verão (9).** São Paulo, Foca, 2005
narrado por Ana Maria Machado
- 48. **Os segredos de uma noite de verão (10).** São Paulo, Foca, 2005
narrado por Ana Maria Machado



2005

2006

5

- 49. **Uma noite de verão (1).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 50. **Uma noite de verão (2).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 51. **Uma noite de verão (3).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 52. **Uma noite de verão (4).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 53. **Uma noite de verão (5).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 54. **Uma noite de verão (6).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 55. **Uma noite de verão (7).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 56. **Uma noite de verão (8).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 57. **Uma noite de verão (9).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 58. **Uma noite de verão (10).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 59. **Uma noite de verão (11).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 60. **Uma noite de verão (12).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 61. **Uma noite de verão (13).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 62. **Uma noite de verão (14).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 63. **Uma noite de verão (15).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 64. **Uma noite de verão (16).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 65. **Uma noite de verão (17).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 66. **Uma noite de verão (18).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 67. **Uma noite de verão (19).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 68. **Uma noite de verão (20).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 69. **Uma noite de verão (21).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 70. **Uma noite de verão (22).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 71. **Uma noite de verão (23).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 72. **Uma noite de verão (24).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 73. **Uma noite de verão (25).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 74. **Uma noite de verão (26).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 75. **Uma noite de verão (27).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 76. **Uma noite de verão (28).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 77. **Uma noite de verão (29).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 78. **Uma noite de verão (30).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 79. **Uma noite de verão (31).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 80. **Uma noite de verão (32).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 81. **Uma noite de verão (33).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 82. **Uma noite de verão (34).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 83. **Uma noite de verão (35).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 84. **Uma noite de verão (36).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 85. **Uma noite de verão (37).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 86. **Uma noite de verão (38).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 87. **Uma noite de verão (39).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 88. **Uma noite de verão (40).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 89. **Uma noite de verão (41).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 90. **Uma noite de verão (42).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 91. **Uma noite de verão (43).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 92. **Uma noite de verão (44).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 93. **Uma noite de verão (45).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 94. **Uma noite de verão (46).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 95. **Uma noite de verão (47).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 96. **Uma noite de verão (48).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 97. **Uma noite de verão (49).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 98. **Uma noite de verão (50).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 99. **Uma noite de verão (51).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 100. **Uma noite de verão (52).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 101. **Uma noite de verão (53).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 102. **Uma noite de verão (54).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 103. **Uma noite de verão (55).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 104. **Uma noite de verão (56).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 105. **Uma noite de verão (57).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 106. **Uma noite de verão (58).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 107. **Uma noite de verão (59).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 108. **Uma noite de verão (60).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 109. **Uma noite de verão (61).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 110. **Uma noite de verão (62).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 111. **Uma noite de verão (63).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 112. **Uma noite de verão (64).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 113. **Uma noite de verão (65).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 114. **Uma noite de verão (66).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 115. **Uma noite de verão (67).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 116. **Uma noite de verão (68).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 117. **Uma noite de verão (69).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 118. **Uma noite de verão (70).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 119. **Uma noite de verão (71).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 120. **Uma noite de verão (72).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 121. **Uma noite de verão (73).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 122. **Uma noite de verão (74).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 123. **Uma noite de verão (75).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 124. **Uma noite de verão (76).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 125. **Uma noite de verão (77).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 126. **Uma noite de verão (78).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 127. **Uma noite de verão (79).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 128. **Uma noite de verão (80).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 129. **Uma noite de verão (81).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 130. **Uma noite de verão (82).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 131. **Uma noite de verão (83).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 132. **Uma noite de verão (84).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 133. **Uma noite de verão (85).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 134. **Uma noite de verão (86).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 135. **Uma noite de verão (87).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 136. **Uma noite de verão (88).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 137. **Uma noite de verão (89).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 138. **Uma noite de verão (90).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 139. **Uma noite de verão (91).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare
- 140. **Uma noite de verão (92).** São Paulo, Foca, 2006
texto de William Shakespeare

2011

2012

2014

2018

2019

2020



Odilon, você oferece cursos na formatação de oficina. E você, já fez alguma oficina?

Não, porque eu não consigo desenhar na frente dos outros, eu não consigo trabalhar na frente dos outros.

Eu não desenho nem na frente da Carolina, quando ela entra no ateliê eu paro de trabalhar. A gente não trabalha junto. Nunca tive ateliê junto com alguém.

Aliás, eu tive um ateliê junto com o Maurício Paraguassu e quando eu precisava trabalhar eu ia pra casa... Eu ficava batendo papo no ateliê, daí eu falava: Maurício eu estou precisando trabalhar, eu vou pra casa. Eu preciso ficar sozinho pra trabalhar. Eu travo na frente dos outros.

Como eu nunca conseguiria fazer uma oficina, eu sempre tive resistência de fazer oficina mesmo estando do lado de quem ministra, porque eu sempre olho as pessoas e penso: coitada, ela vai desenhar pra mim... Eu me vejo do outro lado, tendo que cumprir uma tarefa que alguém está passando e que eu não faria, então como eu posso exigir dela?

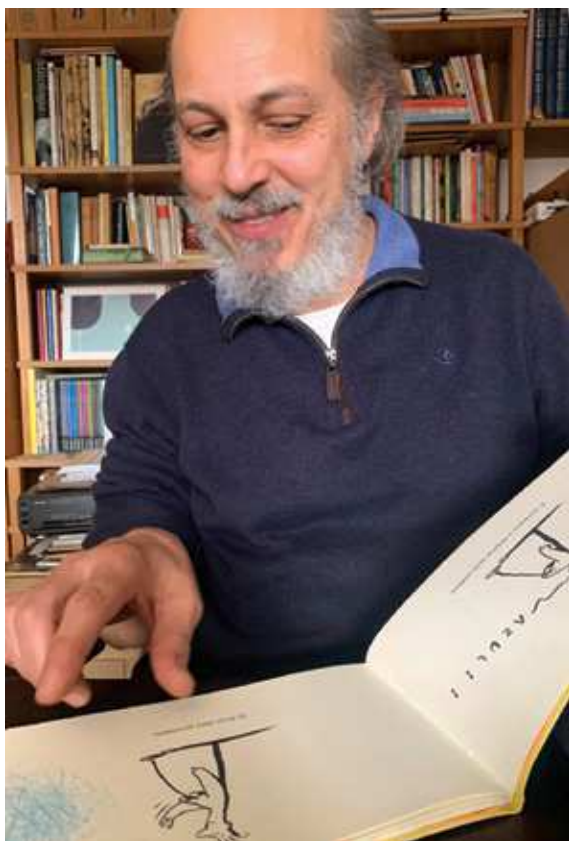
Eu começo a conduzir as oficinas sempre desiludido, achando que não vai dar em nada e sempre me surpreendo. Sempre no final eu adoro.

Aula teórica é o contrário, eu me sinto muito à vontade.



Odilon: "Esse aqui é um móvel de livros especiais."

Carolina: "É quando eu peço um livro emprestado e ele faz careta."



Odilon mediando a leitura do livro **A rainha das cores** de Jutta Bauer



Mesa de trabalho de Odilon

Eu desenho o que eu imagino e não o que eu olho. Tanto é que quando eu vou desenhar um bicho eu olho fotos, fecho o livro e desenho lembrando do que eu vi. Eu não sou bom de copiar, eu copio na memória.

Eu não sou bom de modelo vivo, mas se o modelo for embora eu consigo desenhar ele.

Meu processo de desenhar é captar o que eu tô imaginando e não captar o que eu estou vendo.

Desenhar o que eu estou vendo é um super exercício, eu fazia aula de modelo vivo às vezes pra conseguir olhar para o que eu estou desenhando, porque quando eu estou desenhando o meu olho fica nebuloso, eu não estou olhando nada, eu estou olhando pra dentro... e pra conseguir esse olhar qualquer coisa me atrapalha, uma pessoa ao lado me atrapalha... como é que eu vou olhar pra dentro se a pessoa está aqui ao meu? A presença me atrapalha, eu fecho a janela pra trabalhar, eu abri hoje pra vocês.

Com música dá pra trabalhar, televisão ligada até dá porque televisão não é presença, mas entrou uma pessoa... se tiver um coração batendo, não dá."



Evolução do boneco do livro
Nem filho educa pai.



Acima, canetas BIC® vazias utilizadas para desenhar;
Abaixo, piso do ateliê.

Odilon, você prefere ministrar aula, fazer livro ou ministrar oficina?

Geralmente o que você prefere é o que você não está fazendo.

A vida da gente é tentar inverter isso, faz parte do humano tentar aprender a achar melhor o lugar que você está.

Porque quando eu canso de dar aula e me afasto pra fazer um livro, quando eu volto a dar aula eu não volto pro mesmo lugar, a mesma coisa o contrário... Então, na verdade, mesmo sem fazer o outro você está caminhando.

É como diz o Juarroz¹: "O amor cansou de ser amor e voltou ao vazio, mas não ao vazio que era antes de amar".

¹ Poeta argentino Roberto Juarroz (1925-1995).



"Eu fazia ilustração porque eu precisava, mas me apaixonei e virei professor, e não foi à medida que eu fui entendendo mais, mas posso dizer que foi à medida que eu fui entendendo menos."



Odilon mostra alguns originais



Pintura de autoria do pai de Odilon

Teve algum professor que marcou a sua vida?

(Silêncio)..... Meu pai! De pintura, meu pai.

Quando perguntam pra mim: Você sempre pensou em ser escritor?

Eu falo: nunca pensei, até hoje eu fico pensando se vou ser ou não. Eu não decidi até hoje se eu vou ser ilustrador, eu estou sendo, porque é o que a vida me trouxe, é pelo que eu estou apaixonado agora, no momento, mas eu não decidi isso antes de me apaixonar, eu primeiro me apaixonei, pra depois virar ilustrador, então eu não sei o que eu vou ser...



Originais de Rosa



Capa do boneco do livro Lá longe



PRÊMIOS

Alguns dos livros premiados
de Odilon Moraes

1994 - Prêmio Jabuti: Ilustração

Título: A Saga de Siegfried

Ilustrador: Odilon Moraes

Escritor: recontada por Tatiana Belinky

Editora: Companhia das Letrinhas

**1999 - Prêmio Jabuti: 1ª lugar na categoria
Melhor livro infantil ou juvenil**

Título: A outra enciclopédia canina

Ilustrador: Odilon Moraes

Escritor: Ricardo Azevedo

Editora: Companhia das Letrinhas

2003 - Prêmio FNLIJ Categoria Criança

Título: A princesinha medrosa

Autor: Odilon Moraes Editora

Editora: Companhia das Letrinhas

**2003 - Prêmio FNLIJ Categoria Reconto
"Hors-Concours"**

Título: Histórias à brasileira. A Moura Torta e
outras

Escritora: Ana Maria Machado.

Ilustrador: Odilon Moraes.

Editora Companhia das Letrinhas



**2003 - Prêmio FNLIJ Categoria Melhor
Ilustração**

Título: A princesinha medrosa

Autor: Odilon Moraes Editora

Editora: Companhia das Letrinhas

2005 - Prêmio FNLIJ Categoria Criança

Título: Pedro e Lua

Autor: Odilon Moraes

Editora Cosac Naify

**2009 - Prêmio Jabuti: 1ª Lugar na categoria
Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil**

Título: O Matador

Escritor: Wander Piroli

Ilustrador: Odilon Moraes

Editora: Leitura

2009 - Prêmio FNLIJ Categoria Criança

Título: O guarda-chuva do vovô

Escritora: Carolina Moreyra

Ilustrador: Odilon Moraes

Editora DCL

2013 - Prêmio FNLIJ Categoria Teórico

Título: Traço e prosa: entrevistas com ilustradores
de livros infanto-juvenis

Autores: Odilon Moraes, Rona Hanning e Maurício
Paraguassu

Editora: Cosac Naify

**2013 - Prêmio João-de-Barro na Categoria Livro
Ilustrado**

Título: Rosa

Autor: Odilon Moraes

**2014 - Prêmio Jabuti: 3ª Lugar na categoria
Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil**

Título: Conselho

Escritor: Fernando Pessoa

Ilustrador: Odilon Moraes

Editora: Escrita Fina

2016 - Prêmio Jabuti: 2º Lugar na categoria Infantil

Título: Lá e Aqui
Escritora: Carolina Moreyra
Ilustrador: Odilon Moraes
Editora: Pequena Zahar

2016 - Prêmio FNLIJ na Categoria Criança

Título: Lá e Aqui
Escritora: Carolina Moreyra
Ilustrador: Odilon Moraes
Editora: Pequena Zahar



2017 - Prêmio Jabuti: 2º Lugar na categoria Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil

Título: Teleco, o Coelhoinho
Escritor: Murilo Rubião
Ilustrador: Odilon Moraes
Editora: Positivo

2018 - Prêmio FNLIJ Categoria Criança

Título: Rosa
Autor: Odilon Moraes
Editora: Olho de Vidro

2018 - Prêmio FNLIJ Categoria Melhor Ilustração

Título: Rosa
Autor: Odilon Moraes
Editora: Olho de Vidro

Em tempo

Várias obras de Odilon Moraes podem ser encontradas na Internationale Jugendbibliothek, a maior biblioteca de livros infantis e infanto-juvenis do mundo, além disso, possui 5 títulos nas estantes dos livros que têm o selo White Ravens.

O catálogo publicado anualmente The White Ravens é a publicação contínua mais importante da Biblioteca Internacional da Juventude. É publicado a cada outono para ser apresentado na Feira do Livro de Frankfurt. Todos os títulos compilados são apresentados na Feira do Livro de Bolonha no ano seguinte. Do grande número de exemplares de revisores e doações recebidas por editoras, instituições, organizações e amigos da biblioteca, os especialistas linguísticos (Lektoren) selecionam 200 novos lançamentos de mais de 50 países em mais de 30 idiomas. (Tradução livre do texto retirado do site: <https://www.ijb.de/en/reference-library/white-ravens-online>, em 12/04/2023)

Livros de Odilon com o selo White Ravens

A fome do lobo

Texto de Cláudia Maria de Vasconcellos
Ilustrações de Odilon Moraes
Editora Iluminuras / 2012

Rosa

Odilon Moraes
Editora Olho de Vidro / 2017

Lá e Aqui

Texto de Carolina Moreyra
Ilustrações de Odilon Moraes
Editora Pequena Zahar / 2015

Birigüi

Texto de Maurício Meirelles
Ilustrações de Odilon Moraes
Editora Miguilim / 2016

O guarda-chuva do vovô

Texto de Carolina Moreyra
Ilustrações de Odilon Moraes
Editora DCL / 2008





Ilustração de **Birigüi**, livro de Odilon Moraes e Maurício Meirelles que ganhou o selo White Ravens.



CARTA A ODILON

A escrita dessa carta tem o sentimento de gratidão e reconhecimento a um mestre; e só pude escrevê-la porque sei quão generoso é o olhar do seu destinatário.

Oi Odilon, eu não sabia como terminar essa revista e Maira, que além de minha amiga é a designer desse trabalho me aconselhou a fazer uma carta para você. E aqui estou eu para te escrever.

Primeiramente gostaria de agradecer a sua disponibilidade no curso desse trabalho. A generosidade de me receber no seu ateliê, de abrir as portas da sua casa, de responder mensagens e até mesmo gravar um vídeo para sanar algumas questões pendentes ao fechamento do conteúdo da revista. Muito obrigada.

Depois, queria me desculpar pela ousadia de tentar registrar um pouco da sua trajetória no universo do livro ilustrado.

O sentimento de insuficiência me vinha a todo momento no percurso desse trabalho. É que na medida em que eu pesquisava, percebia o quão vasta é

a sua contribuição intelectual quando o assunto é o nosso querido – e porque não dizer apaixonante – *picture book*.

O seu legado – em construção – é digno de uma biografia ilustrada. E como seria (será) bonito de ver. Pois bem, é impossível dizer que finalizei qualquer coisa, pois ainda há muito a dizer.

São 30 anos de carreira, com mais de 120 livros ilustrados, centenas de horas de aula, dezenas de entrevistas, palestras e perguntas. Muitas perguntas elaboradas, inclusive, por você. Afinal, foi a vontade de saber mais que te fez uma referência, quando o assunto é o livro ilustrado.

A tua obra não está presente somente nos livros de sua autoria. Em alguma medida ela também pode ser encontrada no trabalho dos escritores e ilustradores de livros que foram seus alunos.

Mas não só. Sabe aquelas palestras, entrevistas e aulas que você dá? Ali há editores que aprendem com você, há também professores e mediadores de leitura que passam a enxergar o livro ilustrado com outro olhar e modificam a forma de explorá-lo com seus ouvintes/leitores.

Você também está presente nas mãos daquelas famílias que agora possuem duas casas, já vi lágrimas, sorrisos e rostos reflexivos lendo *Lá e Aqui*.

Inúmeros clássicos lançados no exterior somente chegaram ao Brasil por causa de você, devido ao seu trabalho de pesquisa, principalmente junto à editora Cosac Naify.

A generosidade em compartilhar a sua experiência – juntamente com a Carolina Moreyra - nas oficinas de criação de livro, oferece perspectiva a outros profissionais da área, dali nascem obras publicadas e até mesmo premiadas que transformam a vida profissional de pessoas.



1 MORAES, Odilon. *Carta ao Senhor Melot: O sofrimento da imagem*. Em: Linguagens verbovisuais e do design: em urdiduras poéticas. Organizado por: André Luiz Ming Garcia e Maria Zilda da Cunha. FFLCH-USP, 2022.



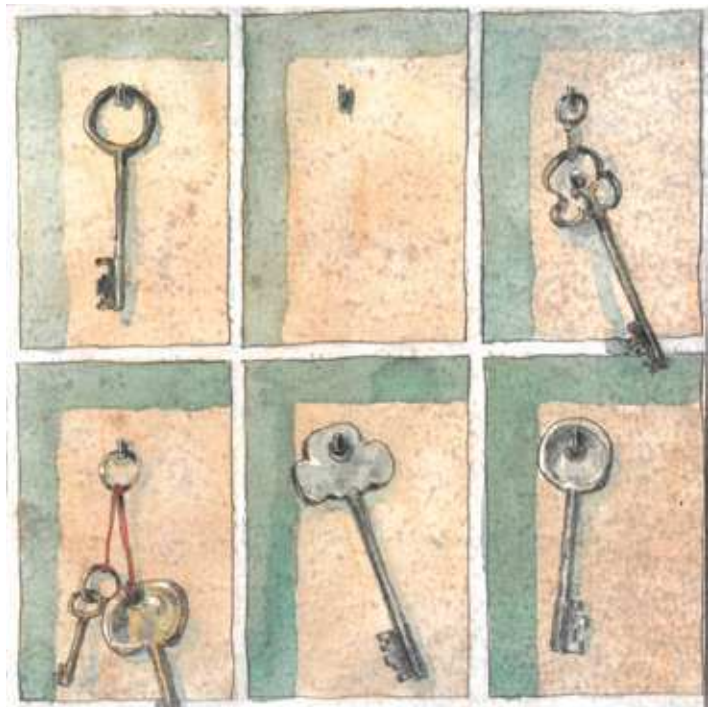
Obrigada por não nos trazer muitas respostas, porque isso nos faz pensar mais, ler mais, ter mais vontade de saber.

Obrigada por deixar esse legado teórico, que hoje está disperso nas dezenas de aulas, entrevistas, artigos e conversas informais.

Obrigada pela beleza que dissemina mundo afora com a sua arte. Pelas aulas que ministrou com tanto brilhantismo e generosidade.

Muito obrigada. Você só fez aumentar a minha paixão pelo livro ilustrado.

Um forte abraço!
Priscilla Galvão



Agradecimentos

Obrigada à minha coordenadora, professora e orientadora Cris Rogerio, que acreditou nesse projeto desde o primeiro momento e depois disso pegou na minha mão e me levou muito além: me pôs no seu carro rumo ao ateliê de Odilon, me tranquilizou no caminho, me deu segurança e registrou lindos momentos. A cada leitura, contribuições valiosas, observações fundamentais, conhecimento. Cris, sem o seu olhar de jornalista e escritora, além de admiradora e amiga de Odilon Moraes esta revista não seria possível.

Maira Chiodi, amiga querida que a pós-graduação me deu, que sorte a minha você ter aceitado ser a designer dessa revista. Quanta contribuição preciosa agregou em cada página. Que privilégio ter o olhar de uma aluna, leitora e admiradora de Odilon para fazer esse trabalho. Muito obrigada.

Queridas professoras Camila Feltre e Ananda Luz, seus ensinamentos também estão presentes nessas páginas, muito obrigada.

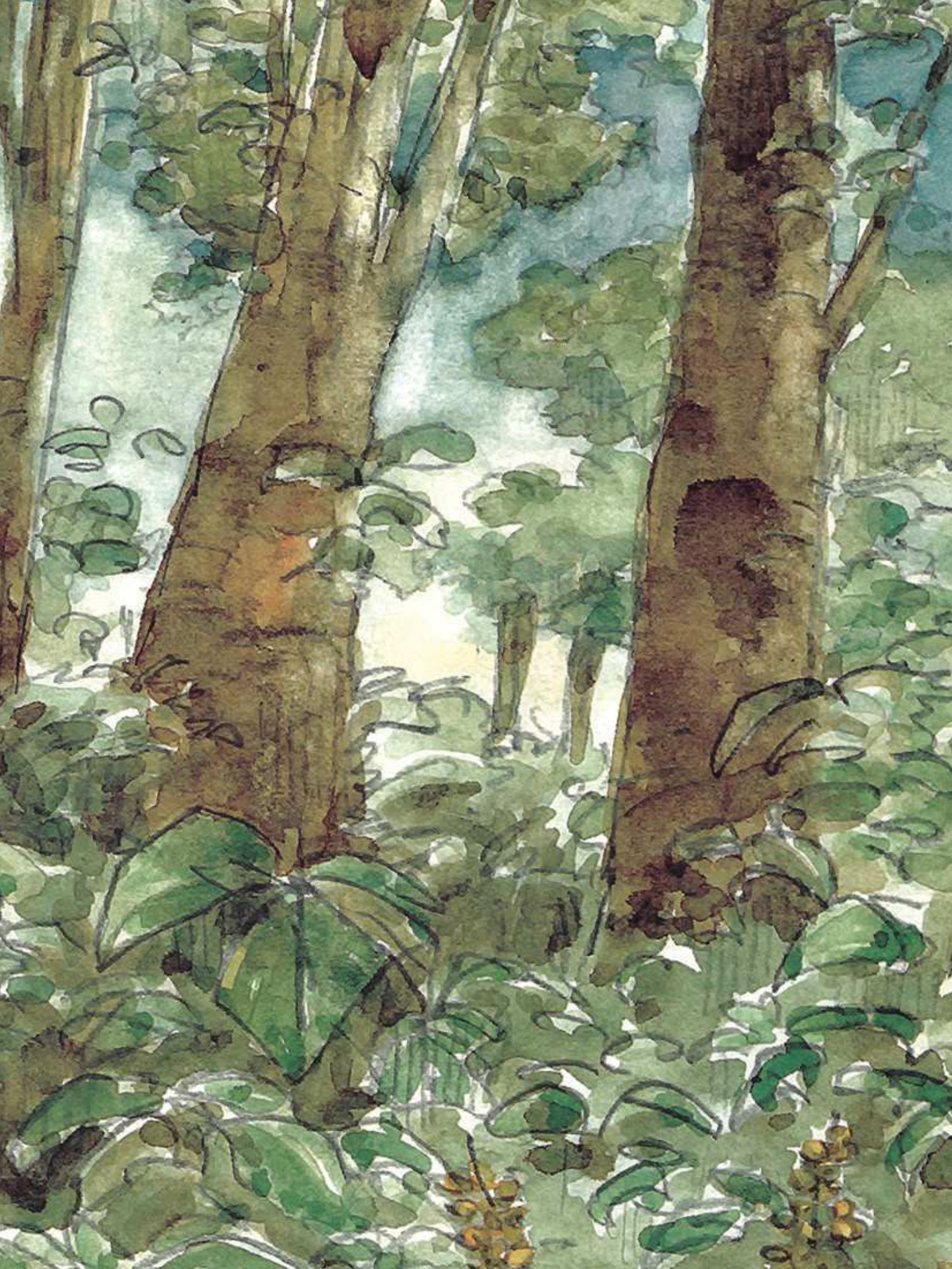
Queridas amigas Carol Fernandes e Thais Dolls, obrigada pelos seus depoimentos como alunas de Odilon, que sorte ter o registro dos seus olhares nesse trabalho.

Ana Matsusaki, obrigada pela generosidade ao compartilhar comigo a sua experiência como aluna de Odilon.

Florence, minha amiga de uma vida inteira, obrigada por me mostrar os caminhos para desbravar esse universo apaixonante que é a literatura para a infância.

Na página ao lado,
a guarda do livro **A fome do lobo**








Texto: Priscilla Galvão • **Consultora:** Cristiane Rogerio • **Capa, diagramação e projeto gráfico:** Maira Chiodi **Fotografias:** Cristiane Rogerio e Priscilla Galvão • **Colaboração (em ordem alfabética):** Ana Matsusaki, Carol Fernandes, Maira Chiodi, Manuela Ferraz, Rafaella Valença, Thaís Dols, Tiago Ferraz • **Ilustrações:** Odilon Moraes
Recife, junho de 2023.





"Eu não decidi até hoje se eu vou ser ilustrador, eu estou sendo, porque é o que a vida me trouxe, é pelo que eu estou apaixonado agora, no momento, mas eu não decidi isso antes de me apaixonar, eu primeiro me apaixonei, pra depois virar ilustrador."

Odilon Moraes



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Aline. **Uma leitura ecológica de Pedro e Lua, de Odilon Moraes.** Linguagens Verbovisuais e do Design em urdiduras poéticas [recurso eletrônico] / Organização: André Luiz Ming Gargia, Maria Zilda da Cunha, — São Paulo: FFLCH/USP, 2022.

ANDRUETTO, María Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos.** São Paulo. Editora Pulo do Gato, 2012.

CARVALHO, Cristiane Rogerio. Dissertação **O livro para a infância: coletivos e potência para a pesquisa.** São Paulo: departamento de artes, Unesp, 2022.

COSTA, Ana Rosa e MORAES, Odilon. **Casa de passarinho.** Curitiba: Positivo, 2018.

FREITAS, Tino e MORAES, Odilon. **Os invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.

GOMES, Cristiana e MORAES, Odilon. **O pai da mamãe.** São Paulo: Caixote, 2020.

GUIMARAENS, Alphonsus de; ilustrador Odilon Moraes. **Ismália.** São Paulo: SESI-SP Editora, 2018.

IANELLI, Mariana e MORAES, Odilon. **Bichos da noite.** Curitiba: Positivo, 2018.

LEITE, Márcia e MORAES, Odilon. **Castelos de areia.** São Paulo: ÔZé Editora, 2022.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado.** São Paulo: SESI-SP Editora, 2018.

MACHADO, Ana Maria; ilustrador Odilon Moraes. **Histórias à Brasileira: a Moura Torta e outras.** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.

MEIRELLES, Mauricio e MORAES, Odilon. **Birigüi.** Belo Horizonte: Miguilim, 2016.

MORAES, Odilon. **A princesinha medrosa.** São Paulo: Jujuba, 2017.

MORAES, Odilon. **Carta ao Senhor Melot: O sofrimento da imagem.** Linguagens Verbovisuais e do Design em urdiduras poéticas [recurso eletrônico] / Organização: André Luiz Ming Gargia, Maria Zilda da Cunha, — São Paulo: FFLCH/USP, 2022.

MORAES, Odilon. **Histórias escondidas.** São Paulo: Hedra, 2013.

MORAES, Odilon. **Olavo.** São Paulo: Jujuba, 2018.

MORAES, Odilon. **O PRESENTE.** São Paulo: Cosac Naify, 2010.

MORAES, Odilon. **O traço e as infinitas narrativas.** Live com Roger Mello do canal Instituto de Leitura Quindim, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fMiuWlJK4&t=2802s>. Acesso em 26jul2023.

MORAES, Odilon. **Pedro e Lua.** São Paulo: Jujuba, 2017.

MORAES, Odilon. Dissertação **Quando a Imagem Escreve – Reflexões sobre o Livro Ilustrado.** Campinas: departamento de artes, Unicamp, 2019. (texto não está disponível).

MORAES, Odilon. **Rosa.** Curitiba: Olho de vidro, 2017.

MORAES, Odilon. **Vida Animal.** São Paulo: Casa Babayaga, 2021.

MOREYRA, Carolina e MORAES, Odilon. **Entrevistas**. São Paulo: Moderna, 2020.

MOREYRA, Carolina e MORAES, Odilon. **Lá e Aqui**. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2015.

MOREYRA, Carolina e MORAES, Odilon. **Lulu e o Urso**. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2018.

MOREYRA, Carolina e MORAES, Odilon. **O guarda-chuva do vovô**. São Paulo: DCL, 2008.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: ROCCO, 1993.

PIROLI, Wander e MORAES, Odilon. **Nem filho educa pai**. São Paulo: SESI-SP editora, 2018.

PIROLI, Wander e MORAES, Odilon. **O matador**. São Paulo: SESI-SP editora, 2018.

PIROLI, Wander e MORAES, Odilon. **Os dois irmãos**. São Paulo: SESI-SP editora, 2018.

RAMPAZO, Alexandre. **Coisas para deslembrar**. São Paulo: Editora Caixote, 2021.

ROSA, Sônia. MORAES, Odilon. **Amores de Artistas**. São Paulo: Paulinas, 1998.

ROUANET, Maria Helena e ANJOS, Thaís dos. **A terceira margem do rio** (adaptação em *graphic novel*). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

RUBIÃO, Murilo e MORAES, Odilon. **Teleco, o coelhinho**. Curitiba: Positivo, 2016.

TELLES, Carlos Queiroz; ilustrador Odilon Moraes. **Sonhos, grilos e paixões**. São Paulo: Moderna, 1990.

VASCONCELOS, Cláudia Maria de. **A fome do Lobo**. São Paulo: Iluminuras, 2012.